

Amazônia das Palavras



Amazônia das Palavras

Escritas Faladas Cantadas Contadas

Organização

Nubia Melhem Santos

José Jurandir da Costa



ASSOCIAÇÃO MAPINGUARI

Amazônia das Palavras

APOIO CULTURAL



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





FICHA TÉCNICA

© Mapinguari

Produção Executiva

Fernanda Kopanakis

Coordenação Editorial

Nubia Melhem Santos

Organização

Nubia Melhem Santos

José Jurandir da Costa

Pesquisa

Felipe Jorge Kopanakis

José Jurandir da Costa

Nubia Melhem Santos

Textos adicionais

Fernanda Kopanakis

Felipe Jorge Kopanakis

Nubia Melhem Santos

Projeto gráfico e diagramação

Renato Monteiro de Carvalho

Cartografia

Felipe Jorge Kopanakis

Renato Monteiro de Carvalho

Ensaio fotográfico e Capa

Avener Prado

Fotografias adicionais

Alberto Bittar

Ali Karakas

André Cran

Beethoven Delano

Dana Merrill

Felipe Jorge Kopanakis

Francisco Filho (Chicão Fill) - AmazonFilm

Hubert Hayaud

Isaac Silva Souto

José Jurandir da Costa

Juliana Rosa

Rafael Vieira

Talita Oliveira

Wander Luís

Zeca Ribeiro

Patrocínio

BNDES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FICHA CATALOGRÁFICA

Amazônia das palavras: escritas faladas cantadas e contadas /
organização Nubia Melhem Santos, José Jurandir da Costa.
-- 1. ed. -- Porto Velho, RO : Associação Mapinguari, 2020.

Vários fotógrafos

Bibliografia

ISBN 978-65-990695-0-5

1. Amazônia 2. Amazônia - Aspectos ambientais 3. Amazônia -
Aspectos sociais 4. Cultura 5. Fotografias 6. Fotografias - Amazônia 7.
Projeto Amazônia das Palavras I. Santos, Nubia Melhem.

II. Costa, José Jurandir da.

20-34478

CDD-779.99811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Fotografias 779.99811

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Amazônia das Palavras Itinerante - Pronac 18.2635

Tiragem: 1.000 exemplares - Distribuição Gratuita

www.amazoniadaspalavras.com.br



Participação

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



“Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.”

Carlos Drummond de Andrade



SUMÁRIO

O PRAZER DA LEITURA	12
1 IMPÉRIO DAS ÁGUAS	14
2 ENTENDER, ENSINAR, APRENDER	72
Amazônia das Palavras, a canção	109
3 HISTÓRIAS PARA LER E CONTAR	116
As serpentes que roubaram a noite	118
História de dois encontros	125
Só letrando nas águas do Rio Madeira	131
4 THIAGO DE MELLO	136
5 RIO MADEIRA	150
6 AS OITO CIDADES	152
Manaus	154
Itacoatiara	162
Nova Olinda do Norte	166
Borba	170
Novo Aripuanã	174
Manicoré	178
Humaitá	182
Porto Velho	186
Equipe da produção	196
Cidades e Escolas que sediaram o Amazônia das Palavras	199
Referências bibliográficas	200
Referências iconográficas	201
Sumário Fotográfico	202





Um barco, três rios, oito cidades, milhares de vidas transformadas.

Essa poderia ser uma descrição sucinta do projeto “Amazônia das Palavras”, concebido pela Associação Mapinguari e patrocinado, em sua primeira edição, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Entre setembro e outubro de 2018, uma embarcação singrou as águas dos Rios Negro, Amazonas e Madeira, navegando os 1.300 km que separam Manaus, no Estado do Amazonas, de Porto Velho, em Rondônia. O itinerário contou com escalas em Itacoatiara, Nova Olinda do Norte, Borba, Novo Aripuanã, Manicoré e Humaitá.

A bordo da nau, uma equipe de artistas e educadores, que, a cada ponto do trajeto, convidava as populações ribeirinhas a participarem de atividades gratuitas relacionadas à leitura e à arte de contar histórias.

No total, mais de 4 mil pessoas prestigiaram as apresentações e oficinas realizadas, abrindo-se ao inesgotável campo de experiências — intelectuais, lúdicas e afetivas — que a cultura proporciona.

É com o mesmo orgulho de ter patrocinado esta aventura literária que o BNDES saúda o lançamento da obra que o leitor tem em mãos, um relato em imagens desta viagem ao coração do Brasil.

Patrocinar projetos como o “Amazônia das Palavras” representa, para o Banco, uma oportunidade de afirmar a importância da cultura para o desenvolvimento do país e evidenciar o compromisso social que norteia a sua atuação.

Que venham as próximas expedições!



Saiba mais sobre a atuação do BNDES na área de cultura em: www.bndes.gov.br

O prazer da leitura

Aqui está a minha vida. Pronta para ser usada. Vida que não guarda nem se esquiva, assustada. Vida sempre a serviço da vida. Para servir ao que vale a pena e o preço do amor... Pois já não vou mais sozinho. Aqui tenho a minha vida: feita à imagem do menino que continua varando os campos gerais e que reparte o seu canto, como o seu avô repartia o cacau e fazia da colheita, uma ilha do bom socorro. Feita à imagem do menino, mas a semelhança do homem: com tudo que ele tem de primavera de valente esperança e rebeldia.

Thiago de Mello, 1965

Estas palavras do poeta amazonense sempre nos acompanharam e nos embalaram ao longo da vida, em meio aos rebojos, às tormentas e tempestades enfrentadas, mas especialmente, junto aos nossos sonhos e projetos que desejam ver um país, uma região, um povo, a contar suas histórias através dos livros.

Assim, nasceu o AMAZÔNIA DAS PALAVRAS. Embalados pelas correntezas dos rios amazônicos, pelo que a poesia nos proporciona, projetamos no futuro, que é tão incerto, a força da palavra e a crença que é possível construir um mundo, onde a leitura, a literatura e o contar histórias dê sentido a própria vida.

Nesse mesmo sentido, também viajamos em busca de um Brasil e de uma realidade que possamos interpretar e compreender melhor, quanto as origens de nossa brasilidade e da nossa própria cultura. Iluminados pelos registros etnográficos do poeta e escritor Mário de Andrade, em suas viagens no início do século XX, pelos rios amazônicos, em especial, junto ao Rio Madeira, acabamos por percorrer seus caminhos e buscamos tatear uma estética que busca ver o Brasil “de dentro”, ainda tão pouco conhecido de muitos de nós. Diante dessa interpretação e busca, o resultado desse livro se expressa através das fotografias, ilustrações e textos escolhidos, que dão conta de histórias de um Brasil real e tão repleto de pertencimentos.

Assim seguimos, em meio a tantas histórias contadas, nas conversas de entremeio, nos livros que folheamos e que nos espantaram com tantas vivências e vidas possíveis. Como o menino do poema – de primavera de valente esperança e rebeldia – navegar por recônditos lugares é o caminho para compartilhar sonhos e esperanças. E o caminho escolhido por nós, foi através da realização de 80 (oitenta) oficinas literárias, em 8 (oito) municípios às margens dos rios Negro, Amazonas e Madeira.

Nessa jornada, as oficinas literárias conversaram com outras expressões artísticas, e para tanto, realiza-



mos nossas atividades dialogando com o cinema, com o circo, com as aulas espetáculos. Estiveram conosco, auxiliando nessa caminhada, poetas, escritores, educadores, cineastas, músicos, artistas circenses, contadores de histórias, os quais também foram tocados pela grandiosidade da cultura regional e da potência dos seus saberes.

Segundo a pesquisa de Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro e do IBOPE (2016), ocorreu um ligeiro aumento de leitores, de 50% para 56%, que equivale a 104 milhões de pessoas. Foram entrevistadas 5.012 pessoas de 5 anos ou mais, alfabetizadas, ou não, e foram considerados leitores aqueles que leram algum livro nos três meses anteriores à pesquisa. Este índice demonstra que o brasileiro lê, em média, apenas 4,96 livros por ano, sendo que 2,53 dos livros não são terminados pelo leitor. No caso da LITERATURA, 54% dos alfabetizados não leem romances, contos e poesia por iniciativa própria. Esses números são considerados baixíssimos, em especial na Região Norte. Um dado da pesquisa salta aos olhos: as crianças são as que mais expressam gostar muito de ler, fato que atesta a existência de um potencial que necessita ser explorado.

Diante desses dados, sentimos o desejo e a necessidade em promover o acesso à LITERATURA em localidades da Região Norte. Foram então escolhidas oito cidades ribeirinhas nas quais realizamos 80 oficinas literárias e 100 horas de atividades culturais voltadas para crianças e adolescentes, pertencentes à rede pública do sistema básico de ensino. Participaram, ainda, os profissionais da rede de educação, artistas, escritores e agentes culturais. Todas as atividades buscaram estimular o prazer e o hábito de ler e escrever. Tivemos a alegria de ver que as oito aulas espetáculo, franqueadas também para a comunidade, atraíram mais de 5 mil pessoas. Levamos conosco uma muda jovem de Pau-Brasil que foi plantada pelos participantes no encerramento das atividades de cada uma das cidades. Esse é o sentido do projeto AMAZÔNIA DAS PALAVRAS. Acreditamos que o AMAZÔNIA DAS PALAVRAS democratiza e estimula as populações atendidas, dando acesso ao livro e à literatura, e contribui para a leitura como fonte de prazer, conhecimento e conquista da cidadania. Somos gratos aos nossos parceiros e patrocinadores que acreditam no projeto AMAZÔNIA DAS PALAVRAS, e a todas as pessoas, de cada localidade, cada escola, que tornou possível essa viagem literária.

Esse livro é parte do projeto AMAZÔNIA DAS PALAVRAS. Através da fotografia e da palavra poética de nossos escritores contamos um pouco mais sobre os desafios, as alegrias e a esperança ao embarcar numa expedição literária.

Boa leitura!

A wide, brown river flows across the frame, with a line of trees on the far bank under a cloudy sky. The water has a textured, rippled surface.

1

Império das Águas



A LEI DO RIO NÃO CESSA NUNCA DE IMPOR-SE SOBRE A VIDA DO HOMEM.
É O IMPÉRIO DA ÁGUA.

Água que corre no furar da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que roda no rebojo, água que vai, ainda bem que começou a baixar, mas de repente volta em repiquete, água de rio que quase não corre, um perigo quando o vento vem, o vento não avisa, água que se agarra no vento para poder voar, água que gosta de ficar parada no silêncio do igapó.

Thiago de Mello







Vê bem, Maria aqui se cruzam:
Este é o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
como as saudades com as recordações.

Se estes dois rios fôssemos, Maria,
todas as vezes que nos encontramos,
que Amazonas de amor não sairia
de mim, de ti, de nós que nos amamos!

Quintino Cunha







as estrelas que flutuam nesse rio
são os olhos das serpentes encantadas
cobras grandes habitantes dessas águas
e estas luzes que vagueiam pelas praias
claridades de paixão e de areia
são meus olhos
encharcando o chão das várzeas
são de alegria estas lágrimas brilhantes
são diamantes que meus olhos choram
são loucos sentimentos cintilantes

Eliakin Rufino













Eu sou a água que mata a sede, onde eu não estiver você se lembra de mim.

Aturi Kaiabi











Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio.

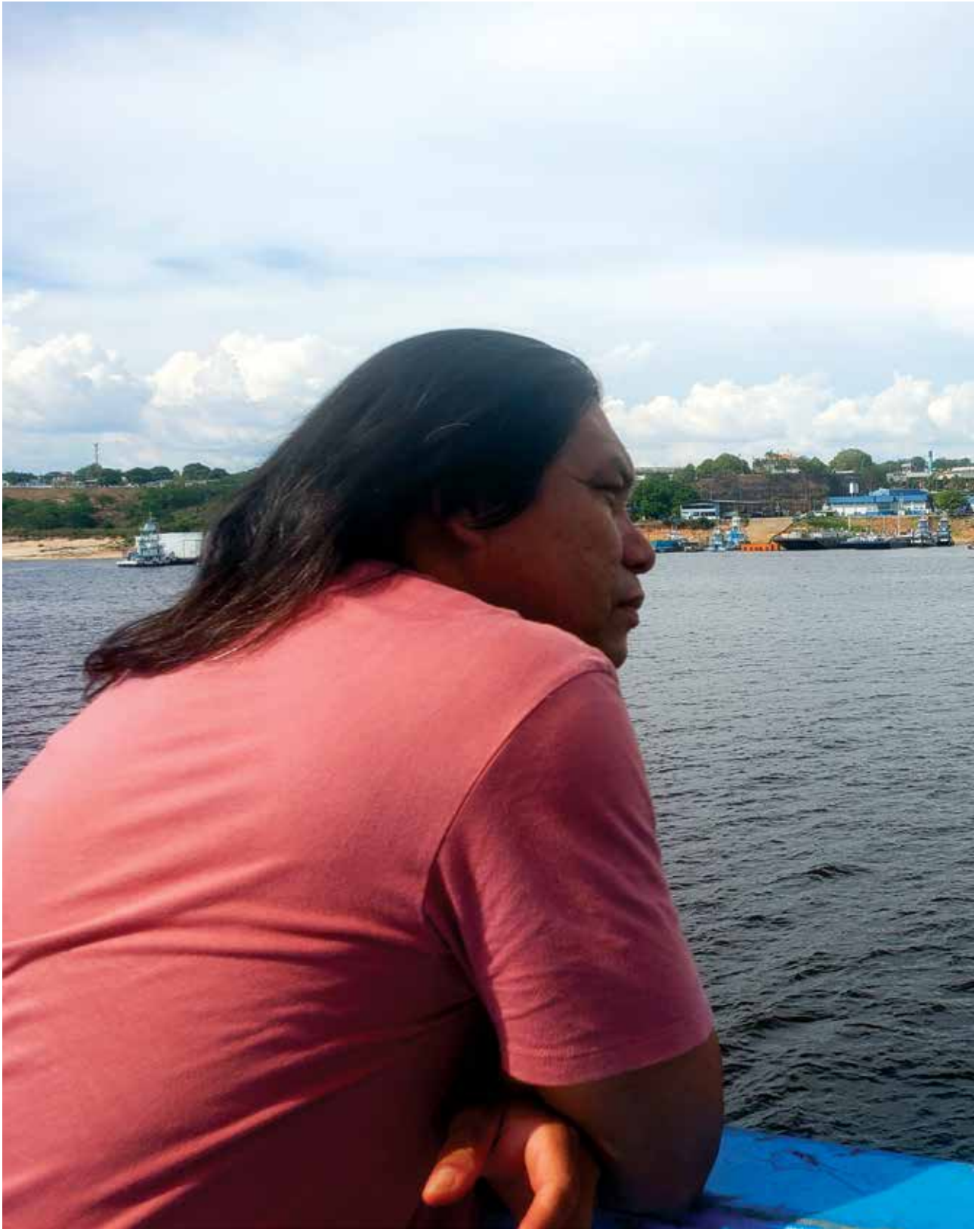
A cada instante sinto que a revelação vai se dar, grandiosa, terrível, lá da volta do rio. E eu fico assim como que cheio de companhia, ia minha, mais perigosa que boa, dolorida de receios que eu sei infundados, mas que são reais, vagos, e por isso mais completos e indiscutíveis, legítimos, deste perigo brutal de viver (de existir). Mas basta que chegue alguém, uma voz que suba da primeira classe até aqui, e a fascinação se esvai.

Mário de Andrade

















— Fala
de garça voando e fins de tarde
Curumins de cócoras
Beira de rios
Bilros
tecendo fios
de chuva
— Se calhar não chove?

Max Martins





Vem da Amazônia
este grande poema
esta grande e imensa poesia
que inunda a minha alma...

Vem da Amazônia este grito forte
que tem a voz nova das crianças
e a poesia antiga da voz dos meus avós...

Benedicto Monteiro







E principiou um dos crepúsculos mais imensos do mundo, é impossível descrever. Fez crepúsculo em toda a abóbada celeste, norte, sul, leste, oeste. Não se sabia pra que lado o sol deitava, um céu todinho em rosa e ouro, depois lilás e azul, depois negro e encarnado se definindo com furor. Manaus a estibordo. As águas negras por baixo. Dava vontade de gritar, de morrer de amor, de esquecer tudo. Quando a intensidade do prazer foi tanta que não me permitiu mais gozar, fiquei com olhos cheios de lágrimas.

Mário de Andrade









































2

Entender, ensinar, aprender

Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.

Thiago de Mello

Oficina "Produção de Contos",
José Roberto Torero.



Oficina "Palavra Animada", Leo Ribeiro.



As histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração, elas ficam quietinhas num canto, parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram.

Daniel Munduruku

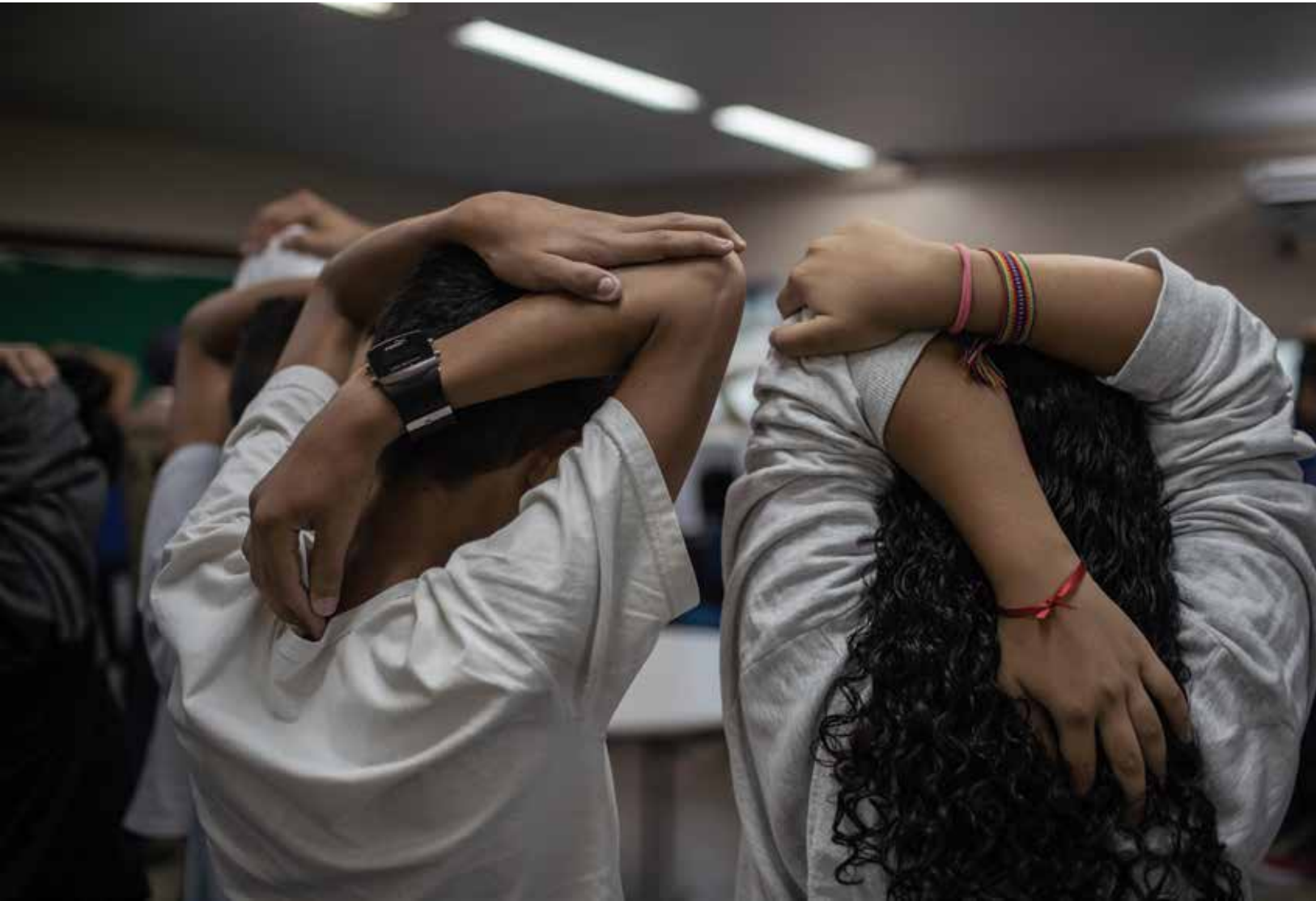


Oficina "Sons do Cotidiano",
Bira Lourenço.









A poesia se rege
pela dança das palavras
pela música do engenho
pelo sonho das imagens.

Não queira nunca levar
qualquer verso ao pé da letra
mas embarque na magia
transgressora do poeta.

Essa viagem translúcida
flecha com nuvens de sonhos
lambe as águas mais remotas
nos pés de ventos marinhos.

Aníbal Beça

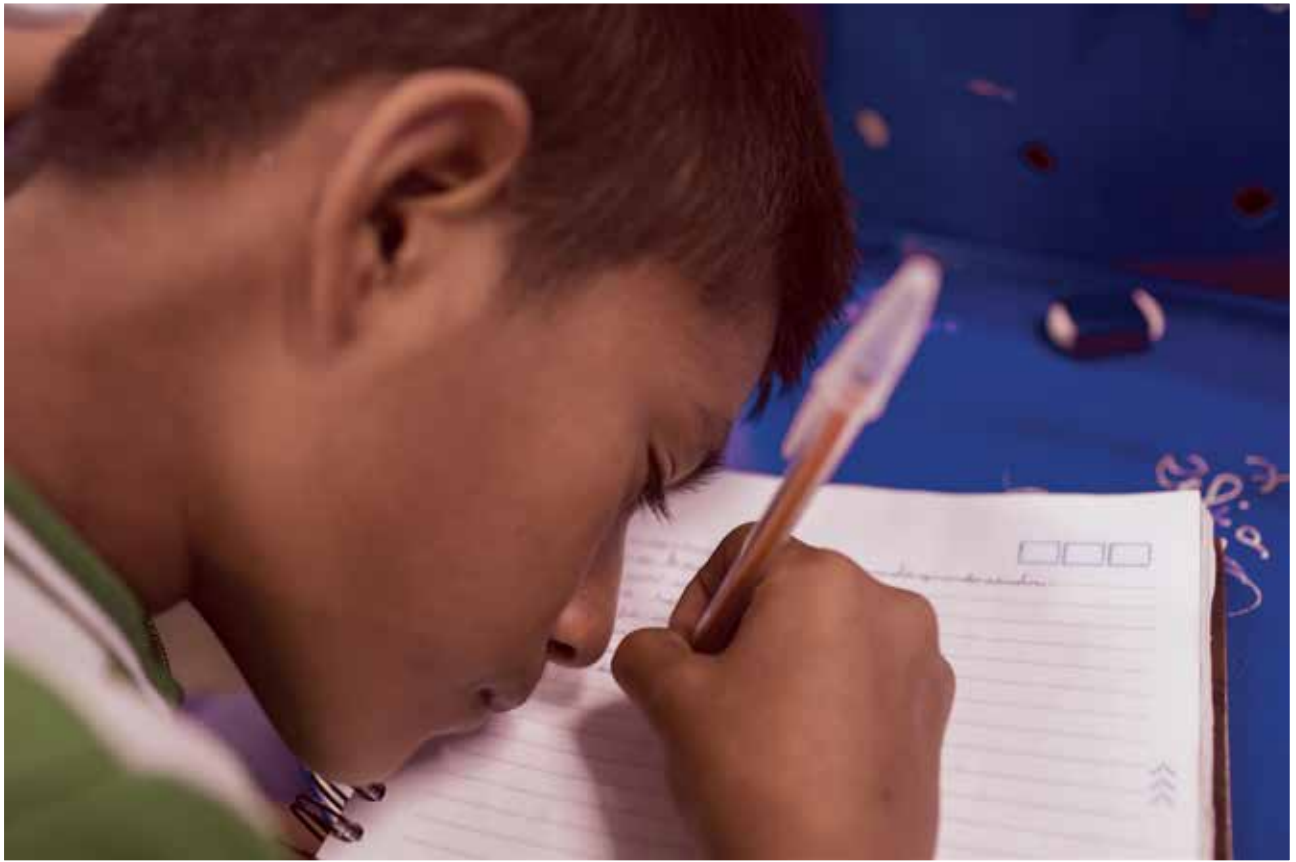




Oficina "Poesia: Narrativa e Escuta", Elisabete Bullara.







Aula espetáculo "Catando Piolho, Contando Histórias: minhas memórias da Amazônia", Daniel Munduruku.







O ofício de escrever

Lendo é que fico sabendo
O que escrevi já caiu na ida
Não me pertence
Leio e me assombro: as palavras
que arrumei com paciência,
severo de inteligência,
cuidando bem da cadência,
perseverante, escolhendo
não escondo, as mais sonoras,
e as que gostam mais de mim,
Dando a cada uma o lugar
merecido no meu verso
(e que desta ciência os segredos
me deu o tempo de ofício,
um exercício de anos)
É quando descubro a rosa
Pois as palavras começam
a dizer coisas que nunca

ousei pensar nem sonhar,
pássaros desconhecidos
pousando no meu pomar
— rosa em carne de palavra,
não é rosa da roseira —
Que chamei para o meu poema,
Rosa linda, venha cá,
Venha enfeitar o meu canto,
Se transmuda, mal a leio,
Num sonho que vai se abrir,
No espinho que vai ferir
Só nesse instante descubro
que a rosa, para ser rosa,
no esplendor da identidade
com qualquer rosa do mundo
precisa ser inventada.

Thiago de Mello



















Espectáculo circense “Cloro, o Palhaço que Engole Letras”, Diego Gamarra.





CERTIFICADO

Associação de Pais e Professores

ESTHER COELHO MACHADO

... por ter participado ativamente das atividades realizadas durante o ano letivo de 2023, demonstrando comprometimento e dedicação em todas as etapas do processo educacional.

APPROX





Ministério da Cultura e
BNDES APOIAM:

**AMAZÔNIA DAS
PALAVRAS**



CERTIFICADO

HENRICK CAMPOS DA SILVA

Participou da Oficina Produção de Contos,
ministrada pelo Professor José Roberto Torero,
realizada pelo Amazônia das Palavras - Edição 2018,
na cidade de Manicoré/AM, na Escola Estadual
Hermenegildo de Campos, no dia 16 de novembro de
2018, com carga horária de 04 horas aula.

Professor José Roberto Torero







Aula espetáculo "Cinco Ideias Equivocadas Sobre os Índios", José Bessa.

**NÓS
AMAMOS O BRASIL**



AMAZÔNIA DAS
PALAVRAS



Amazônia das Palavras, a canção

Amazônia da palavra escrita
Amazônia da palavra cantada
Amazônia da palavra lida e contada

Solimões, Madeira e Rio Negro
O Amazonas é a nossa casa
Cidadãos do mundo
Amazônia das Palavras

Dividir, conquistar
Entender, ensinar
Aprender
A questionar o destino

Resistir
Melhorar
Progredir
Repensar
Decidir

O Futuro ainda é um menino
ou menina
O Brasil ainda é um menino

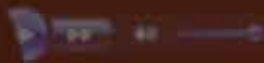
Manaus, Itacoatiara
Manicoré, Humaitá
Nova Olinda do Norte, Borba
Novo Aripuanã, Porto Velho

Pra que ler?
Pra crescer
Pra que ler?
Pra viver
Pra que ler?
Pra aprender
Pra mudar o destino

Amazônia das Palavras

Arthur Maia
Letra e música

MAZÔNIA DAS PALAVRAS



Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.

Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda
como um rio.

Thiago de Mello



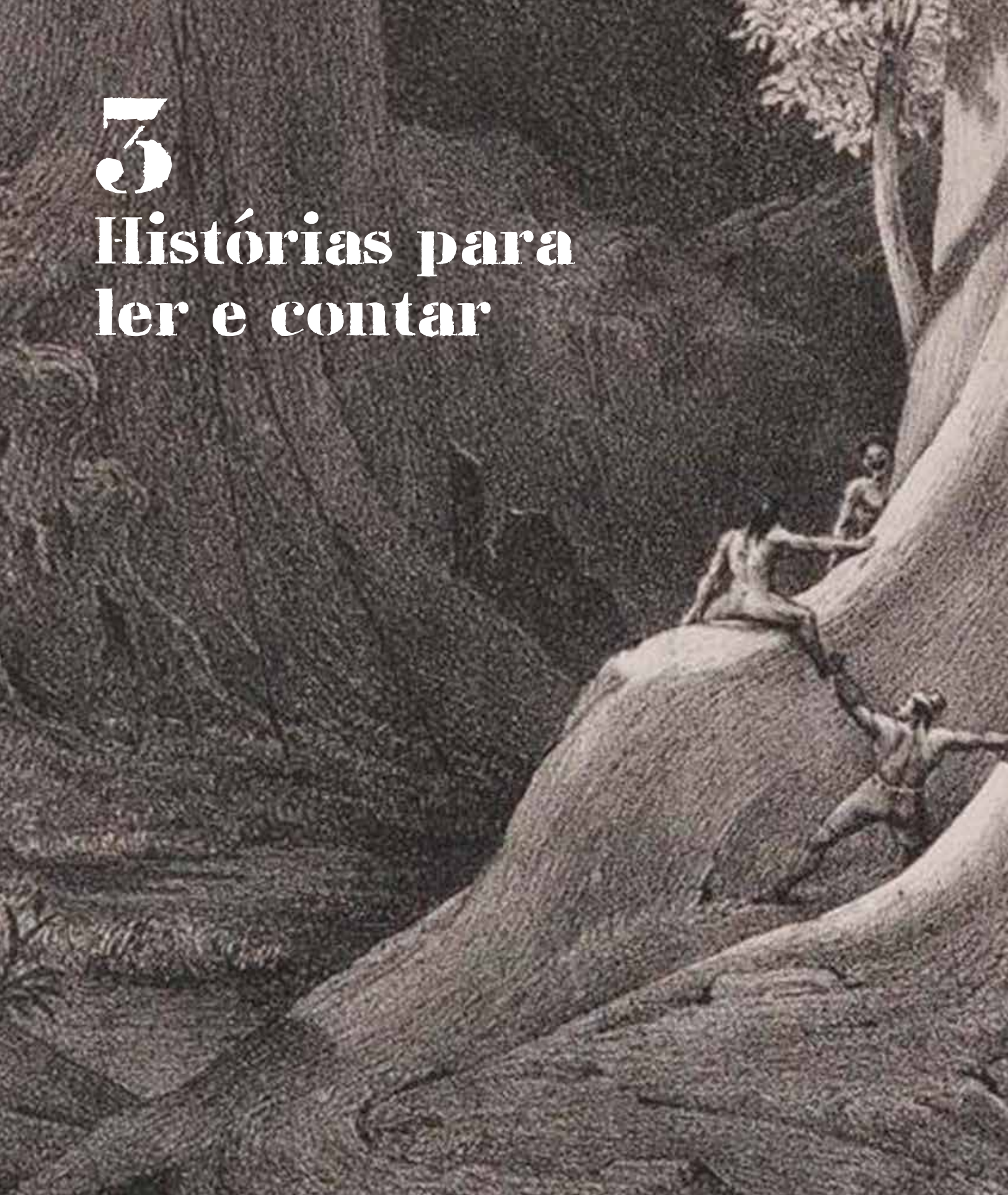


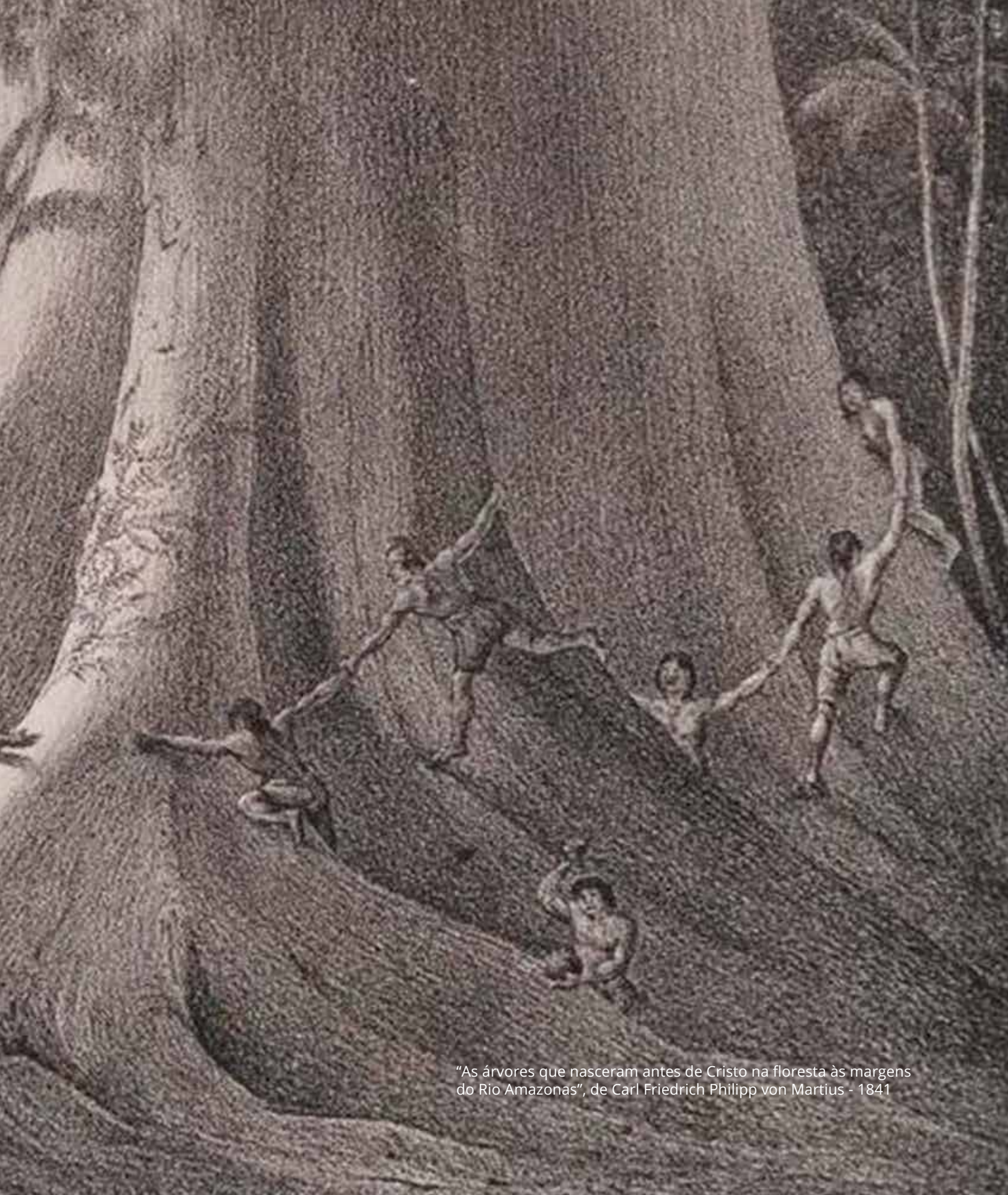




3

Histórias para ler e contar





"As árvores que nasceram antes de Cristo na floresta às margens do Rio Amazonas", de Carl Friedrich Philipp von Martius - 1841



As serpentes que roubaram a noite

Daniel Munduruku

Fazia pouco tempo que o mundo era mundo e que as garras da onça ainda não haviam crescido e já reinava a insatisfação. E isso porque a noite nunca chegava – ela, que iria permitir que pessoas e animais repousassem um pouco.

O sol brilhava sem parar nos céus e nenhum daqueles infelizes conseguia sequer tirar uma pequena soneca! Os raios ardentes do sol queimavam tanto durante tanto tempo que todos preferiam levantar. Apenas o papagaio continuava a protestar, mas tão alto, que toda a floresta o ouvia, porém o sol pouco se importava com toda aquela gritaria e seguia brilhando tão alegremente como antes.

Após um certo tempo, o papagaio ficou rouco, e os outros seres arrastavam-se como sombras. No leito dos rios quase não se via uma gota d'água a correr.

Felizmente, um belo dia, os índios descobriram quem havia escondido a noite: as serpentes! Elas eram os únicos seres que não tinham definhado, continuavam sadias e passeavam com um arzinho zombeteiro, como se estivessem guardando na cabeça pensamentos muito divertidos.

Então, os líderes da aldeia organizaram uma reunião para indicar aquele que deveria ir falar com as serpentes para que elas libertassem a noite. A escolha caiu sobre o jovem Karu Bempô por ser guerreiro valente e excelente corredor.

Karu Bempô, o mais valoroso dos guerreiros indígenas, foi falar com Surucucu, a grande chefe das serpentes.



João, o velho chefe dos Mundurucus.
Auguste François Biard, 1862

A morada de Surucucu ficava escondida no fundo da floresta virgem, embaixo das folhas espalhadas pelo chão, e nem os macacos gostavam de se aproximar daquele lugar misterioso.

– Quem se atreve a me incomodar?
– gritou a serpente, erguendo a cabeça.

– Sou eu, Karu Bempô, o grande guerreiro – respondeu o intrépido representante dos índios e prosseguiu: – Dizem que as serpentes esconderam a noite, darei arco e flechas como presente do meu povo.

– De que me serviriam o arco e as flechas? – riu Surucucu. – Não tenho mãos para manejá-los. Meu rapaz, tens de me trazer outra coisa.

Após dizer essas palavras, ela deslizou por entre as folhas e desapareceu, e Karu Bempô se viu sozinho.

Voltou à aldeia de mãos vazias, e todos ficaram quebrando a cabeça para descobrir o que dar à serpente.

Finalmente, depois de muito pensarem, imaginaram que uma matraca contentaria a serpente, pois é um objeto que agrada a todos, e nenhum animal possui um objeto desses. Fizeram então uma matraca, cujo som era ouvido para além das planícies e das montanhas. E Karu Bempô pôs-se novamente a caminho.

Dessa vez, Surucucu estava esperando-o.

– Sei que me trazes uma matraca – disse ela. – Evidentemente, não é coisa que se despreze, mas como vou usá-la? Não tenho mãos nem pés... – Vou prendê-la na tua cauda – disse Karu Bempô, e imediatamente pôs mão à obra. Mas que aconteceu? Ou a matraca tinha perdido a voz ou a cauda da serpente não era suficientemente forte para balançá-la. Quando ela tentou chacoalhar sozinha, ouviu-se apenas um ch-ch-ch-ch parecido com o ruído que as folhas secas fazem quando se espalham pelo chão.

– Não, isso eu não quero. Mas, para que não digam que sou insensível, te darei, em troca da matraca, uma breve noite – declarou afinal a serpente. Deslizou para dentro do ninho e retornou trazendo um saquinho de couro, que entregou a Karu Bempô.

– E que faremos se esta noite não nos bastar? – perguntou ele.

– Deves saber que uma noite longa custa muito caro: nem por dez matracas eu poderia te dar uma – respondeu a serpente.

– Nesse caso, o que queres em troca?

– Conversei com as outras serpentes a esse respeito e decidimos que trocaríamos uma noite longa por uma jarra cheia daquele veneno que teu povo coloca nas flechas.

– Mas que ireis fazer com esse veneno? – recomendou Karu Bempô.

Sua pergunta não recebeu resposta. Surucucu deslizou sob as folhas. A matraca presa à cauda fez-se ouvir por um momento, e depois a serpente desapareceu.

Caminhando lentamente, Karu Bempô retornou à aldeia com o saquinho de couro. Acalentava a esperança de que a noite curta seria suficiente para todos, mas em seu espírito permanecia o receio de um novo encontro com a serpente. Assim que os índios abriram o saquinho, o mundo foi invadido pelas trevas e todos caíram num sono profundo, mas não por muito tempo. Passados alguns instantes, o sol voltou a brilhar e expulsou a escuridão para trás das montanhas e despertou sem piedade aqueles infelizes adormecidos.

Todo dia acontecia a mesma coisa, e logo ocorreu aquilo que Karu Bempô temia; perceberam que uma noite tão curta não bastava para descansar e todos começaram a juntar veneno – às vezes, apenas uma gota – para encher a jarra.

O jovem retornou à floresta pela terceira vez. Dessa vez caminhava com cautela, pois tinha receio de tropeçar e deixar cair a jarra. Surucucu estava enfiada em seu ninho, e via-se apenas sua cabeça. Ao lado dela havia um enorme saco, bem cheio. Eu sabia que voltarias – disse ela ao recém-chegado. – Vê, preparei um saco que contém uma noite longa.





Karu Bempô entregou-lhe a jarra e perguntou, curioso:

– Escuta, por que as serpentes precisam de veneno?

– Porque somos pequenas e fracas – respondeu Surucucu – e precisamos ter presas venenosas para nos defender... mas não tenhas medo: darei a cada serpente apenas uma pequena quantidade de veneno, a fim de que não possamos fazer mal a ninguém...

– Mas é que... – estranhou o guerreiro, cético.

– Bem, já estás com o saco. Deves levá-lo para a tua aldeia e só abri-lo quando chegares lá. Se soltares a noite cedo demais, a escuridão vai impedir-me de distribuir o veneno a cada serpente como pretendo, e as consequências recairiam sobre todo o mundo... Com essas palavras, ela se despediu e, sem tardar, convocou todo o povo das serpentes e começou a distribuir o veneno. Surucucu foi a primeira a se servir... Karu Bempô voltou para a aldeia, carregando a bolsa com todo o cuidado. Pensava no que a serpente havia lhe dito e por isso não percebeu que o papagaio, excitadíssimo, voava acima dele, gritando:

– Venham ver, ele está trazendo a noite, Karu Bempô está trazendo a noite longa!

Evidentemente, todos os que lá estavam podiam vê-lo com os próprios olhos. Os macacos, loucos de alegria, saltavam no topo das árvores; o jacaré fazia ondas com o pouco de água que ainda restava. A onça, impaciente, arranhou-se.

– Solta a noite agora mesmo, o que está esperando? – gritou ela, atirando-se sobre Karu Bempô.

Antes que o jovem entendesse o que estava acontecendo, a onça arrancou a bolsa das mãos de Karu Bempô, pulou para as urzes e abriu-a.





Quatro índios Mura, George Catlin, 1854 - 1869.

Uma densa escuridão caiu sobre a selva, surpreendendo a todos. Animais e pessoas procuravam caminhos para voltar a suas casas e colidiam uns com os outros. Mas o pior foi aquilo que ocorreu com as serpentes da chefe Surucucu: elas se atiraram sobre a jarra, empurrando-se umas às outras, e cada uma delas passou nas presas tanto veneno quanto podia. Em vão Surucucu tentava acalmá-las, dizendo que havia veneno suficiente para todas. Por fim, acabaram derrubando a jarra.

Mas quando, ao final de uma longa noite, voltou o dia, todos puderam perceber as consequências do que a onça havia feito: as serpentes tinham-se tornado inimigas poderosas e audaciosas que, com suas presas envenenadas, matavam todos aqueles de quem se aproximavam. Apenas o povo das Jibóias não foi atingido, e sempre avisava os índios com sua matraca.

Depois desse episódio, as serpentes nunca mais foram amigas – cada uma procura viver sua vida, sem se preocupar com a dos outros.

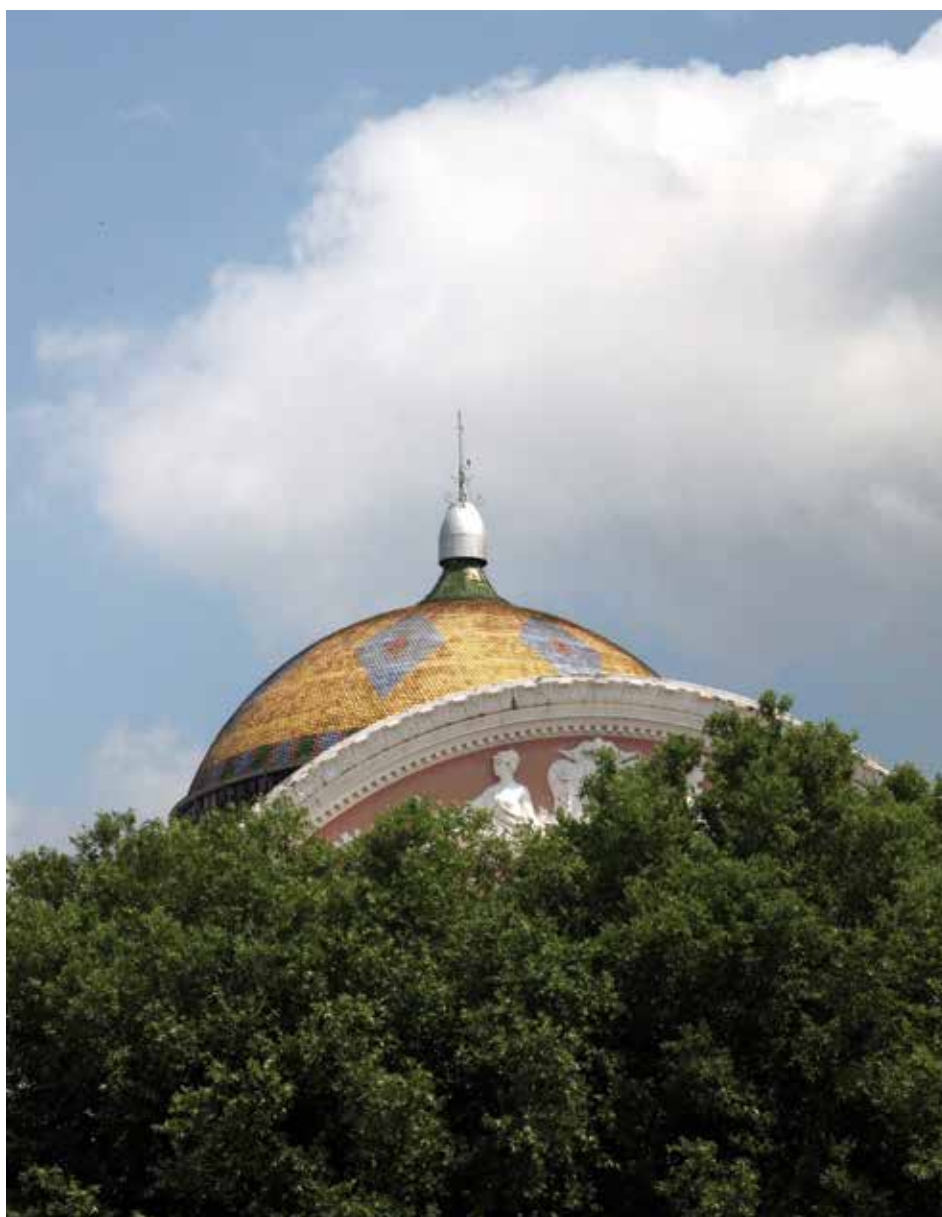
Os Munduruku e os outros animais, por sua vez, adoraram ter conseguido a noite de volta. Assim, podem descansar durante a noite para iniciar um novo dia mais dispostos e alegres.



EM 1500 ANOS DO
DESCUBRIMENTO
DO BRASIL
O BRASIL
UNIDO
EM 1500 ANOS
DO
DESCUBRIMENTO
DO BRASIL

EVROPA

ASIA



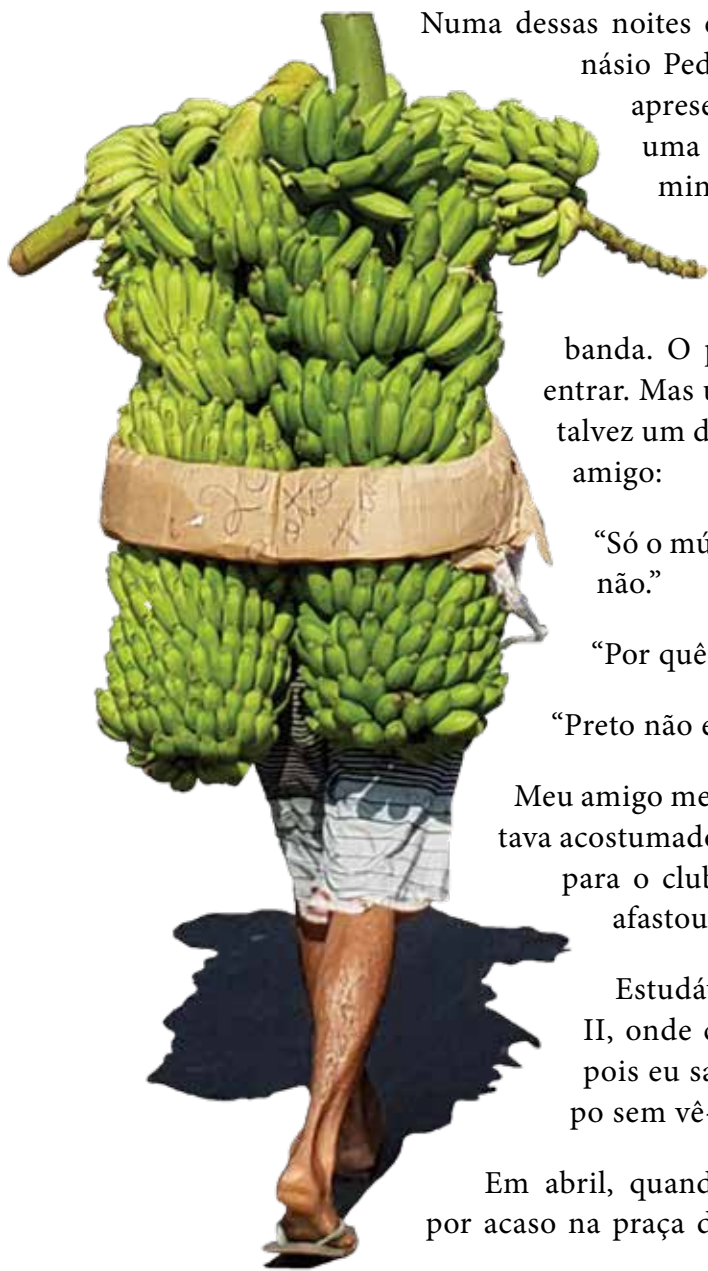
História de dois encontros

Milton Hatoum

Para Samuel Titan Jr.

Na década de 1960, os jovencinhos de famílias ricas de Manaus gostavam de frequentar aos domingos o “mingau dançante”. Reuniam-se na praça da Saúde, onde tomavam sorvete antes de entrar no clube mais grã-fino da cidade.

Rumores insinuavam que nessas noites domingueiras, enquanto a moçada dançava, os adultos jogavam carteadado numa sala decorada com poltronas forradas de brocado suíço, cortinas de veludo alemão e tapetes persas. Nunca vi essa sala luxuosa, tão adaptada ao clima do equador. Os rumores também se referiam a perdas enormes durante a jogatina: homens e mulheres que entregavam ao ganhador anéis com brilhantes e relógios com pulseira de ouro. Não era raro um jogador perder uma propriedade. Consta que um dos perdedores teve que morar numa pensão perto do porto.



Numa dessas noites eu estava com um amigo do Ginásio Pedro II e convidei-o para assistir à apresentação da nossa banda, que ia dar uma canja antes do encerramento do mingau dançante. Os outros músicos já estavam no clube e me esperavam. Na porta, me apresentei como um dos membros da banda. O porteiro fez um gesto: podíamos entrar. Mas um homem de uns quarenta anos, talvez um dos diretores do clube, barrou meu amigo:

“Só o músico”, ele disse. “O acompanhante, não.”

“Por quê?”, perguntei. “Ele é meu amigo.”

“Preto não entra aqui.”

Meu amigo me disse que era assim mesmo, já estava acostumado com essas coisas: que eu voltasse para o clube e participasse do show. Ele se afastou e desceu a avenida, calado.

Estudávamos na mesma sala do Pedro II, onde concluímos o curso ginásial. Depois eu saí de Manaus e passei muito tempo sem vê-lo.

Em abril, quando visitava a cidade, encontrei-o por acaso na praça da Saudade. Na tarde dessa quin-

ta-feira nublada e úmida ele se dirigia para o tribunal. Quase não o reconheci: parecia um atleta, nem de perto aparentava um cinquentão. Usava paletó e gravata; reparei também nas abotoaduras pretas, nos sapatos de cromo, no guarda-chuva cinza, de ponta finíssima. Quando me abraçou, perguntou se eu ainda cantava. Ou se cantava enquanto escrevia. Mais de quarenta anos, ele acrescentou, com um vozeirão alegre, que contrariava o menino tímido e humilhado da nossa juventude. Depois disse que era sócio de um escritório de advocacia: havia cursado doutorado em direito empresarial na Universidade de Chicago.

“Mas devo minha carreira à escola pública”, ele prosseguiu. “Aliás, nós dois devemos, não é mesmo?”

Concordei. E continuamos a conversar enquanto atravessávamos a praça da Saudade; depois paramos num bar da praça da Saúde, onde ele se lembrou daquele episódio, “na época em que tu tinhas pretensões musicais e eu era um negrinho, filho de uma lavadeira com um estivador”.

Agora me lembrava.

O clube não era mais o mesmo. A velha elite de Manaus — grandes comerciantes e herdeiros dos barões da borracha — era irrelevante ou desaparecera por completo. Quase toda a economia da cidade e do estado dependia das centenas de fábricas do polo industrial.

Tomamos um suco de graviola, contei um pouco da minha vida, saltando anos e cidades. Disse que a impressão de uma vida inteira só encontramos nos romances.

“Nos bons romances”, observou, apressando-se para pagar a conta.

Ele parecia o penúltimo cavalheiro de uma cidade caótica e feroz. Saímos da praça da Saúde e, em frente ao clube grã-fino, vimos um velho sentado numa cadeirinha bem no meio da calçada. Braços caídos, as mãos roçavam a calçada, o olhar baço no céu escuro. Meu amigo parou e estendeu o cabo do guarda-chuva para o velho, que o apertou como se fosse a mão de um homem. Meu amigo riu:





“Toda quinta-feira ele cumprimenta o meu guarda-chuva. A primeira vez que joguei uma nota de dez reais no chão, ele se ofendeu e disse que não era mendigo. Mas depois vi que apanhou a nota e pôs no bolso. Outro dia me pediu vinte e eu dei.”

“Mas é um mendigo?”

“É o cara que me barrou”, disse o advogado. “Não se lembra de mim.”

Enquanto descíamos a avenida, notei que o advogado estava com pressa. Na calçada do tribunal, pôs a mão no meu ombro e disse:

“Hoje à noite tenho que terminar de redigir um processo. Massa falida. Uma coisa chata e triste. Mas que tal amanhã? Vamos comer uma peixada?”





Ministério da Cultura e
BNDES apresentam:

AMAZÔNIA DAS PALAVRAS

Apresentação:

 **BNDES**

Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA GOVERNO
FEDERAL

134
PROSSEGUINDO
CONVÊNIO Nº
CONVÊNIO Nº 62
TRIPUL. DE
R. Nº 100, 04143-000 - S
TEL. (011) 5072-1234

AMAZONIA II

Comércio

Só letrando nas águas do Rio Madeira

José Bessa

Numa expedição literária pelos rios da Amazônia, o piloto da embarcação tinha que ter nome de escritor, não tinha não? E ele tem: Fernando Sabino. Esse é seu nome de batismo, compartilhado com o apelido de Beira Mar.

No momento em que escrevo, o nosso timoneiro manobra o leme do barco “Comandante Souza”, que navega pelo rio Madeira, levando escritor, músico, cinegrafista, fotógrafo, professor, jornalista e animador cultural, integrantes da equipe do projeto “Amazônia das Palavras”.

– Aprendi a amar a natureza. Derrubei muita árvore, e de castigo a natureza levou minha perna – diz Fernando Sabino, que teve a perna esquerda decepada por um tronco de árvore, em 1993, quando desmatava a floresta no Paraná da Eva para criar pastagem para boi. Ele aprendeu a pilotar aos 13 anos, navegando no barco “Conceição V” de propriedade de seu pai, que transportava material de construção para o exército.

Nascido em Varre-Vento, município de Itacoatiara, há 64 anos, o nosso Fernando Sabino enfrentou um calvário depois do acidente. No Hospital Universitário Getúlio Vargas, comeu a mandioca que o diabo ralou. Lá, cada semana, os médicos retiravam o curativo e cortavam mais um pedaço que estava gangrenado. Ficou entre a vida e a morte. Foi aí que seus parentes levaram para o hospital banha de boto rosa, gordura de cobra sucuriju e mel de abelha, garrafada ingerida diariamente escondido dos médicos. Segundo ele, foi isso que o curou. Dois anos depois, os amigos fizeram rifa, quermesse, e conseguiram levantar uma grana para ele viajar a Indianópolis, nos Estados Unidos, onde seu ex patrão na empresa Amazon Night Safari ajudou a comprar uma prótese, que







Fernando Sabino, Comandante do barco do Amazônia das Palavras

custou 16 mil dólares. Hospedado na casa de um professor americano, que fez turismo na Amazônia, foi convidado a dar aulas a crianças gringas sobre navegação, usando maquetes, com direito a tradutor ao inglês, “porque a única coisa que falo é tankiu”.

Fernando Sabino, já com a prótese, voltou a pegar o leme. Conheceu muitas comunidades indígenas viajando pelo SIVAM, percorreu mais de 30 aldeias dos Sateré-Mawé com missionários da Igreja Evangélica, comandou barco-recreio de Manaus a Nhamundá, varou rios, paranás e igarapés conduzindo turistas para pesca de tucunaré no rio Uatumã, transportou peões da Andrade Gutierrez, levou garimpeiros para área de mineração, carregou material de construção de Manaus a Tabatinga para o Comando Militar da Amazônia e garrafas de coca-cola para Porto Velho.

Fernando Sabino é um personagem real que, como seu homônimo cronista, sabe contar histórias.





4

Thiago de Mello

Poeta homenageado do
Amazônia das Palavras

Eu venho desse reino generoso, onde os homens que nascem dos seus verdes continuam cativos e esquecidos e, contudo, profundamente irmãos das coisas poderosas, permanentes como as águas, o vento e a esperança.

Vem ver comigo o rio e as suas leis. Vem aprender a ciência dos rebojos, vem escutar os cânticos noturnos no mágico silêncio do igapó coberto por estrelas de esmeralda.

Thiago de Mello



O poeta aos 4 anos, em Barreirinha



Aos 19 anos, na Academia Amazonense de Letras.

A MADEU THIAGO DE MELLO, o Poeta da Floresta é nosso homenageado.

Nasceu no dia 30 de março de 1926 no município de Barreirinha, Estado do Amazonas, filho de Pedro Thiago de Mello e Maria Mitouso de Mello. Sua família mudou-se para Manaus quando ele tinha 5 anos. Estudou no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e depois no Ginásio Pedro II.

Foi para o Rio de Janeiro estudar na Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, entretanto, queria mesmo era escrever e logo aproximou-se de escritores que admirava e que o incentivariam na carreira de poeta, como Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), José Lins do Rêgo (1901-1957) e Manuel Bandeira (1886-1968). Acabou por abandonar o curso de Medicina quando já estava no quarto ano.

Na década de 1950 exerceu atividade jornalística e com o poeta Geir Campos (1924 -1999) fundou a Edições Hipocampo, em 1951, que foi importante na história do livro no Brasil porque celebrou o valor do livro em todos os seus aspectos, de forma e conteúdo. Em apenas 3 anos publicaram 20 livros primorosos com pequenas tiragens numeradas. Ele e Geir faziam todo o processo e o acabamento em uma gráfica em Niterói e na casa do próprio Geir.

A Hipocampo publicou Cecília Meirelles (1901-1964), Carlos Drummond de



Acima, com o amigo Manuel Bandeira e capa de *Opus 10*, comemorativa do primeiro aniversário da Editora Hipocampo.

Andrade e Manuel Bandeira, Lêdo Ivo (1924-2012), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Guimarães Rosa (1908-1967), Jorge de Lima (1893-1953) Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), assim como os próprios editores-poetas Geir Campos e Thiago de Mello.

Em 1959 dirigiu o Departamento Cultural da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro e em 1960 foi convidado para assumir o posto de adido cultural do Brasil na Bolívia. Em 1963 foi transferido para Santiago do Chile, e lá conheceu o poeta Pablo Neruda (1904-1973), de quem se tornou amigo e tradutor. Em 1965 decidiu voltar ao Brasil preocupado com o rumo do seu país, mas não suportou a arbitrariedade e a censura, foi preso por se manifestar e em 1968 retornou ao Chile na condição de exilado. Só voltou ao Brasil em 1978, ano em que, com o cantor e compositor Sérgio Ricardo (1932), participou do show *Faz escuro mas eu canto*,



Amor em Leonoreta de Cecília Meireles e *A Mesa* de Carlos Drummond de Andrade, ilustrado por Sued.



Thiago de Mello e Pablo Neruda em Valparaíso, Chile.

dirigido pelo dramaturgo Flávio Rangel (1934-1988), apresentado em diversas capitais brasileiras. Na década de 1980, para surpresa dos amigos decidiu voltar a residir em sua cidade natal. Foi Lúcio Costa (1902-1998), seu grande amigo, quem projetou sua casa em Barreirinha, que o próprio Thiago coordenou o processo de construção.

Além de sua notável produção literária, reconhecida no Brasil e no exterior, Thiago de Mello trabalhou também para a televisão fazendo roteiro de programas culturais sobre personalidades como Jorge Luís Borges (1899-1986), Manuel Bandeira, Augusto dos Anjos (1884-1914), Alfredo Volpi (1896-1988) e Joan Miró (1893-1983). Teve poemas musicados por Pixinguinha (1897-1973) *Por que te escondes?* (1958), Ary Barroso (1903-1946) *Cantiga de Enganar Tristeza* (1953), Nilson Chaves (1951) *Monólogo do Índio* (2000) e Monsueto Menezes (1924-1973), *Faz escuro mas eu canto* (1966), e pelos seus filhos Manduka (1952-2004) e Thiago Thiago de Mello.



Amazônia
Para Thiago de Mello
Cândida de
Lúcio Costa
21/1/88



Thiago de Mello conversando com sua filha Isabela no Chile, com Thiago Thiago de Mello, o caçula, na casa de Barreirinha, projetada por Lúcio Costa, e com o primogênito no colo, Alexandre Manuel Thiago de Mello - Manduka.



De cima para baixo
a partir da esquerda,
flagrantes com Frans
Krajcberg e Stella
Oswaldo Cruz Penido,
Gilberto Freire, Don
Hélder Câmara e José
Lins do Rego.



Thiago de Mello no *Show Amazônia Subterrânea*, com seu filho Thiago Thiago de Mello - Manaus, 2016



Thiago de Mello e sua filha Isabela - Porto Velho, 2003



Faz escuro mas eu canto

Faz escuro mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.

Thiago de Mello

O AMAZÔNIA DAS PALAVRAS doou à família do poeta o projeto conceitual do “Memorial Esperança Thiago de Mello”, criado pelo artista multimídia Rudney Prado em conjunto com a arquiteta Letizia Esposito.

É uma contribuição do AMAZÔNIA DAS PALAVRAS para a implantação de um memorial em defesa da Floresta, com o perfil de Thiago de Mello e seus cabelos representados por árvores dos cinco grandes biomas brasileiros que, juntas, alertam para a necessidade da preservação da rica diversidade brasileira.



Logomarca do “Memorial Esperança Thiago de Mello”, doado à família do poeta pelo Amazônia das Palavras.



ALBERTO V. MALLERÁ



Minha vida ficou
mais bonita porque
encontrei Fernanda
& Jurandir, pessoas
cheias de luz.
+ Maria.

Porto Velho, 2003.





Thiago de Mello em dois momentos: Manaus e no exílio na Serra da Estrela, Portugal



Sei porque canto:

Se raspas o fundo do poço antigo de sua esperança, acharás restos de água que apodrece.

É preciso fazer alguma coisa, livrá-lo dessa sedução voraz da engrenagem organizada e fria que nos devora a todos a ternura, a alegria de dar e receber o gosto de ser gente e de viver.

Thiago de Mello



Rio Madeira

O caminho da expedição

Chamado de Cayari pelas antigas populações, o grande Rio Madeira, assim batizado pelos portugueses em função dos grossos e abundantes troncos que suas caudalosas águas carregam, teve papel fundamental na definição da fronteira oeste e na expansão territorial do Brasil, tendo em vista que, para atender aos interesses econômicos da exportação de produtos coloniais, os rios da Amazônia foram vitais.

O Rio Mamoré recebe as águas do Rio Guaporé no município de Guajará-Mirim, e segue pela fronteira até encontrar o Rio Beni - este que nasce na Serra de Cochabamba, na Bolívia, nos altiplanos dos Andes. O encontro dos Rios Beni e Mamoré, formam o Rio Madeira, no município de Nova Mamoré (RO). Em um trecho de aproximadamente 360 km, a partir de sua formação, o Rio Madeira tem um desnível de declividade de 20 cm/km e segue passando por dezoito cachoeiras e corredeiras, sendo que duas delas foram utilizadas, na atualidade, para a construção das Usinas do Madeira (Santo Antônio e Jirau).



6 AS OITO CIDADES

Manaus

Itacoatiara

Nova Olinda do Norte

Borba

Novo Aripuanã

Manicoré

Humaitá

Porto Velho







Igreja São Sebastião
São Sebastião Church
Praça São Sebastião
São Sebastião Square

E
Estacionamento
Proibido

Manaus

Manaus é o principal centro urbano, turístico, financeiro e industrial da Região Norte do Brasil, com mais de 2,1 milhões de habitantes.

Fundada em 1669 pelos portugueses, com o forte de São José da Barra do Rio Negro, foi elevada à Vila em 1832 e em 1848 à categoria de cidade com o nome de Manaós, em referência à nação indígena que habitava a região.

A partir de 1840, a atividade econômica da região passou a girar em torno da extração do látex. Árvore genuinamente brasileira, a seringueira (*Hevea brasiliensis*), tornou-se a fonte do segundo mais importante produto da economia nacional de 1870 até 1920, perdendo apenas para o café. Manaus conheceu neste período um enriquecimento extraordinário e passou a ser conhecida no mundo inteiro como Coração da Amazônia, Cidade da Floresta ou ainda a Paris dos Trópicos.

Manaus possui uma rede de ensino com 539 escolas municipais e 244 unidades de ensino da rede estadual. Entre as instituições públicas que dão acesso ao ensino superior estão a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Instituto Federal do Amazonas (IFAM), além de diversas universidades privadas e centros de pesquisa públicos e privados, como o Centro de Educação Tecnológica (CETAM), Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD) e o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA).





O Governo de Antioquia
anuncia:
Após três semanas
mais livres
para você.

CASA VENTEL

AUTOCTED

BMG

Autocted



ARMARINHO
PAULISTA

601

593



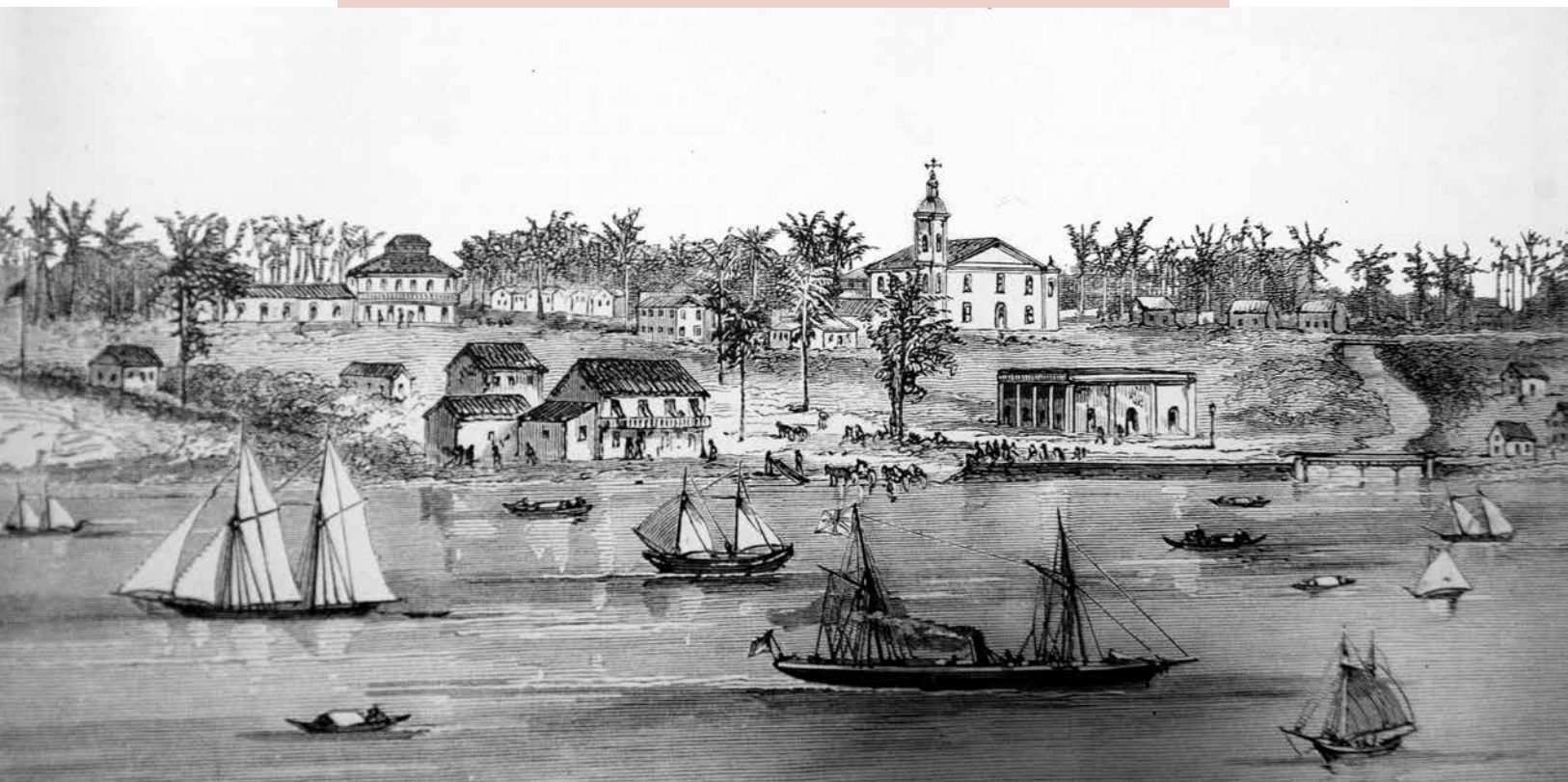
ARMARINHO
PAULISTA

Linhas
Botões
Zíperos
Rendas
Bordados
Elasticos
Malhas
Titas
Lã

VISA
VISA
ELECTRONIC







A exportação da borracha financiou a construção de um grande porto flutuante, edifícios, rede elétrica e de água e esgoto, assim como bondes elétricos e telefonia.
Gravura retratando o porto de Manaus em 1875, James Orton.

A seringueira (*hevea brasiliensis*) é uma planta brasileira, originária da Amazônia.



É do seu caule, através de incisões oblíquas na casca, que se obtém o látex com o qual se produz a borracha de primeira qualidade, o ouro branco. A riqueza da borracha, entretanto, promoveu também uma das mais longas histórias recentes de exploração e injustiça do nosso povo. Somente a partir de meados dos anos 1980, com Chico Mendes e a união dos seringueiros, veio à luz as condições de trabalho a que estavam expostos e a denúncia de que bancos estrangeiros estavam financiando fazendeiros a devastar a floresta. A denúncia chegou ao Senado dos Estados Unidos e os financiamentos foram suspensos. Em 1988, quando já estavam em pauta a criação das reservas florestais para a colheita não predatória de matérias-primas como o látex e a castanha do Pará e o início da tão prometida reforma agrária, Chico Mendes foi assassinado, a mando de um fazendeiro, no

quintal de sua casa em Xapuri, no Acre.
Desenho de Percy Lau, 1956.





Itacoatiara

Itacoatiara está localizada na região metropolitana de Manaus, tem cerca de 100 mil habitantes e possui o segundo maior porto fluvial escoador do país.

Em Nheengatu, Itacoatiara significa Pedra Pintada – itá, pedra, e coatiara, pintado, gravado, escrito, esculpido. Foi a terceira vila instalada no Amazonas em meados do século XVII, com o nome de Serpa, antecedida apenas por Borba e Barcelos.

Foi palco da única batalha naval fluvial no século XX na América Latina, ocorrida em 24 de agosto de 1932 em apoio à Revolução Constitucionalista liderada por São Paulo.

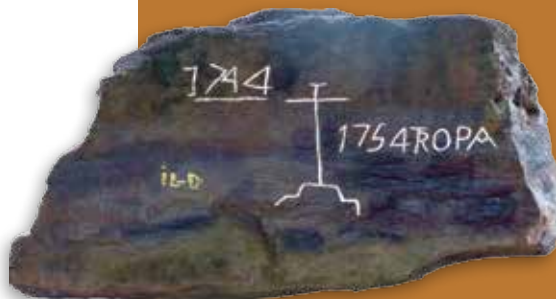
Itacoatiara conta com 16 escolas estaduais e 124 municipais. No ensino superior, há os Câmpus da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), além de universidades privadas.





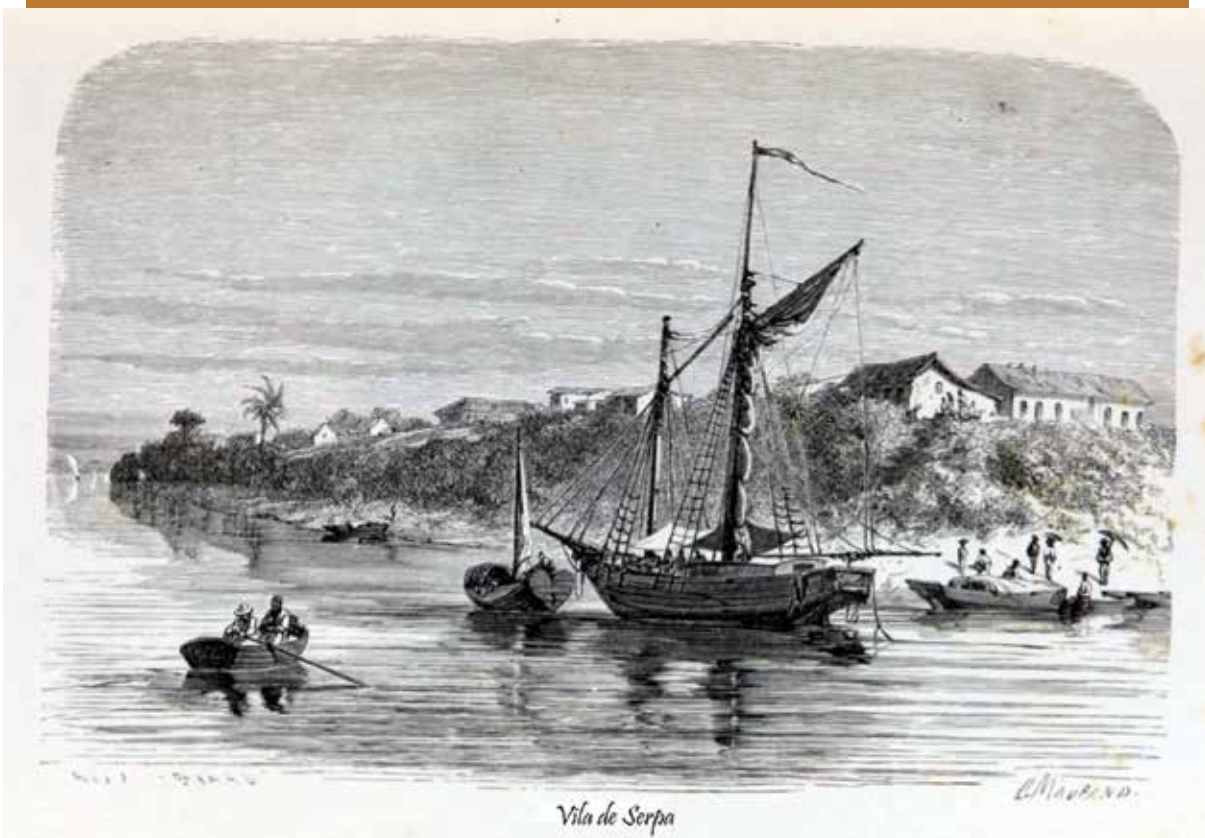
Pedra com gravuras rupestres, sítio arqueológico Caretas, no Rio Urubu, onde os antigos habitantes realizavam seus ritos sagrados e manifestavam sua expressão cultural através dos desenhos de seu cotidiano, entalhados nas pedras.

Blás Torre Neto, 2014.



Inscrições feitas pelo colonizador europeu, demarcando os limites do norte para a Coroa Portuguesa, o que acabou por ampliar o limite das terras portuguesas além do Tratado de Tordesilhas. Os anos de 1744 a 1754 indicam o período das expedições e a palavra Tropa se refere a guarnição militar que acompanhava a e dava segurança aos navegadores. A cruz representa a fé católica.

Frank Chaves – História de Itacoatiara – Blog.



Em 25 de abril de 1874, a antiga Vila de Serpa foi elevada à categoria de cidade, resgatando a origem indígena com a denominação Itacoatiara.

Gravura de Auguste François Biard - Serpa - 1862.



RESTORANTE ARUANĂ



Nova Olinda do Norte

Nova Olinda do Norte tem cerca de 36 mil habitantes. Sua população original era composta pelas etnias Tura, Mura e Munduruku.

Nova Olinda tomou este nome da propriedade de um comerciante que habitava a região do Paraná do Urariá. A expressão do Norte, foi acrescentada pelo Governador do Amazonas, em 19 de dezembro de 1955, através da Lei Estadual nº 96, que criou o município com sede na localidade de Nova Olinda do Norte, elevada então à categoria de Cidade. A instalação definitiva do município ocorreu em 31 de janeiro de 1956, quando foi determinada sua área territorial, desmembrada dos municípios de Maués e Itacoatiara.

Nova Olinda do Norte foi criada em função da descoberta de petróleo nos poços 1-NO-1-AM e 2-NO-AM, da Petrobras.

Na rede pública de ensino, o município conta com 75 unidades municipais e 9 da rede estadual, seus alunos buscam outras cidades para cursar o ensino superior.





Visita do Presidente da República, Café Filho, em março de 1955, ao poço 1-NO-1-AM, da Petrobras, pioneiro da exploração do petróleo na Amazônia. A fundação da cidade de Nova Olinda do Norte está relacionada a descoberta de petróleo na região. O fato foi fartamente comemorado pela imprensa nacional e o entusiasmo tomou conta da população local. Entretanto, cinco anos depois o projeto de exploração foi cancelado após um laudo que desaconselhou o investimento, avaliando que não traria vantagem comercial para a empresa. Os poços foram então lacrados. Ao lado, vista aérea feita pela comitiva presidencial, onde hoje está o núcleo urbano. Acervo Arquivo Nacional.







Borba

Borba tem uma população de cerca de 40 mil habitantes é o 20º município em tamanho territorial do país, com uma área de 44 251,185 Km².

Borba foi a primeira vila criada em território Amazonense, originando-se da Aldeia do Trocano, em 1728, fundada pelo Frei João Sampaio, da Companhia de Jesus, um dos mais célebres catequistas do Rio Madeira.

Entre 1835-1839, durante a Cabanagem, ou Guerra dos Cabanos, uma revolta popular extremamente violenta contra o Império do Brasil para a independência da Província do Grão-Pará, Borba foi uma das raras localidades que resistiram aos rebeldes, apesar de haver sofrido inúmeros ataques.

Foi elevada à categoria de Vila, com a denominação de Borba, em 1755 e somente em 1938 passa à condição de cidade.

Borba possui 183 escolas municipais e 16 da rede estadual, e de acordo com o IDEB tem uma taxa de aprovação de 82% no ensino fundamental.





A história da cidade de Borba está fortemente relacionada à resistência da etnia Mura às investidas da colonização portuguesa e à imposição da catequese. Os Mura habitavam esta vasta região às margens do Rio Madeira, conheciam bem a navegação fluvial e o interior da Floresta, o que lhes garantia uma ótima

mobilidade no território. Resistiram corajosamente para escapar à escravidão adentrando a mata, se afastando das margens do Rio Madeira. Para povoar a região a Coroa Portuguesa incentivou o casamento dos homens brancos com as mulheres Mura, concedendo-lhes alguns favores como o fornecimento gratuito de instrumentos agrícolas.

Índio Mura inalando paricá, Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, c.1795.





Novo Aripuanã

Novo Aripuanã conta com mais de 25 mil habitantes. Está entre os maiores municípios brasileiros em superfície territorial, com uma área de 41.191,345 km².

Está localizada na confluência dos Rios Madeira e Aripuanã e seu nome significa “palmeira fibrosa” em tupi-guarani. O município de Novo Aripuanã é constituído de território desmembrado de Borba e Manicoré, criado entre dezembro de 1955 e fevereiro de 1956, quando a Vila de Foz do Aripuanã passa à categoria de cidade com o atual nome.

Novo Aripuanã realiza a Festlendas, festival de cultura que acontece com a disputa entre a Lenda do Apurinã, Lenda do Jurupari e Lenda do Tucumã.

Novo Aripuanã conta com 123 escolas municipais e 9 unidades de ensino na rede estadual, sendo duas com ensino médio.





Em 2013, a Casa da Moeda do Brasil lançou as moedas comemorativas aos 100 anos da expedição como homenagem à façanha.

A Expedição Científica Rondon-Roosevelt ocorreu entre 1913-1914, visando seguir o curso do Rio da Dúvida (depois da expedição denominado Rio Roosevelt), a fim de determinar se o mesmo era ou não afluente do Amazonas. Roosevelt, derrotado à presidência dos Estados Unidos, aceitou o convite brasileiro para conhecer a região. A expedição teve início em Cáceres, Mato Grosso, chegando às margens do Rio da Dúvida em 27 de fevereiro de 1914. A partir daí, devido à falta de alimentos, a expedição se dividiu em duas, e enquanto uma continuava pelo Rio da Dúvida, a outra seguiu pelo Rio Madeira. Na expedição eles mapearam a região e constataram que o Rio da Dúvida é afluente do Rio Aripuanã, este um dos afluentes do Madeira. Na foto acima, pausa para o almoço:

Da esquerda para direita, sentados: Zahm, Rondon, Kermit, Cherrie, Miller, quatro brasileiros, Roosevelt e Fiala. Na foto ao lado, pose para a foto em frente ao marco: Da esquerda para a direita: George Cherrie, Ten. Lyra, Dr. Cajazeira, Roosevelt, Rondon e Kermit. Fotos: Acervo *Library of Congress*, Washington DC, USA.





Manicoré

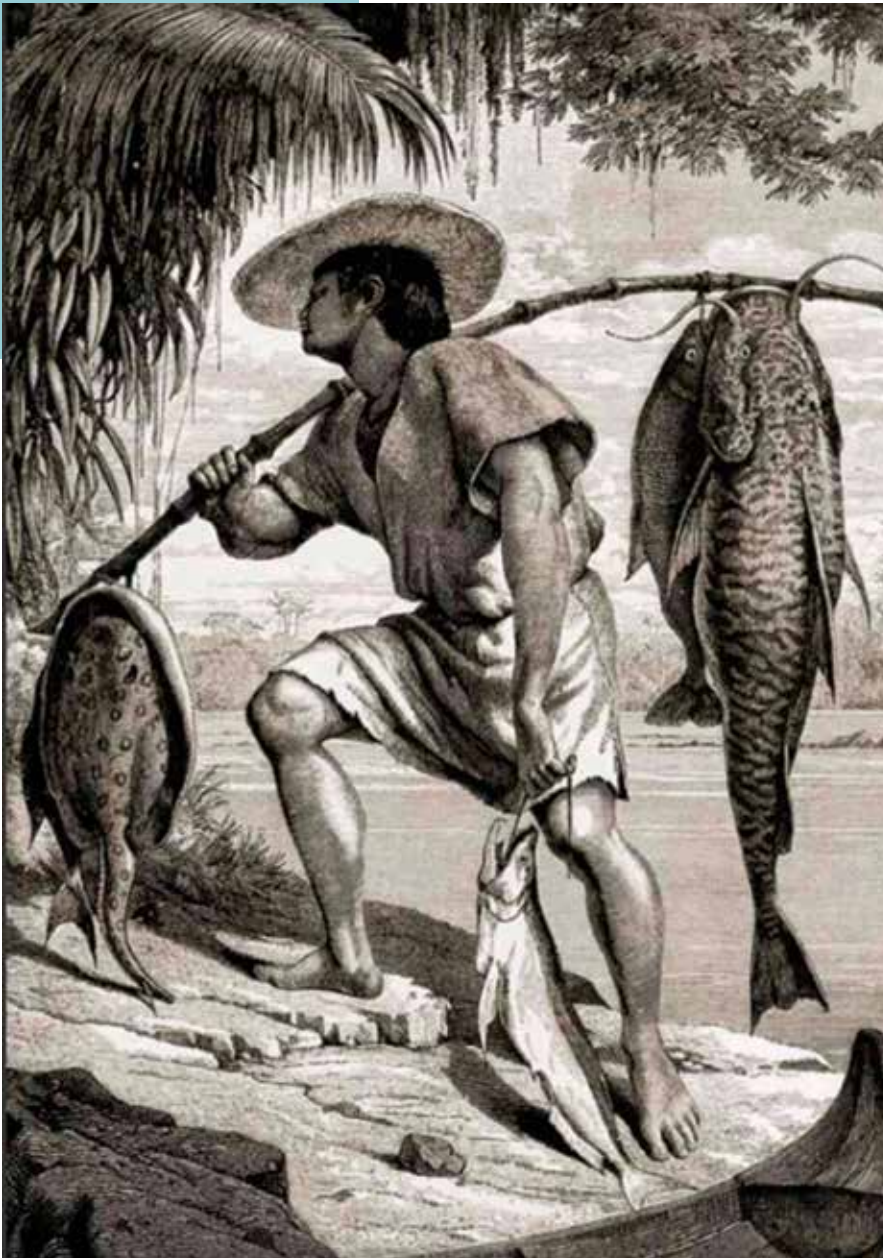
Manicoré possui 54.907 habitantes sendo o 18º município brasileiro em extensão territorial com 48.282,478 Km² e está localizada em uma posição estratégica entre Manaus e Porto Velho.

Seu nome deriva da palavra Ancoré, etnia que habitava a região e foi ponto de passagem de trabalhadores atraídos pelo Ciclo da Borracha. Manicoré é uma antiga povoação datada de 1797 com o nome de Crato, transferida em 1802 para um sítio entre os Rios Baetas e Arriais, e, em 1868, a sede é transferida para o local definitivo com o nome de Nossa Senhora das Dores de Manicoré. É elevada à categoria de cidade em 1896, sendo importante porto de navegação na margem direita do Madeira.

Manicoré realiza todos os anos a Festa da Melancia, a Festa do Açaí e o Festival de Quadri-lhas, reunindo milhares de pessoas.

A rede de ensino é formada por 225 escolas municipais, a maioria na zona rural, e na rede de ensino estadual são 14 unidades, que trabalham desde os anos finais do fundamental até o ensino médio.





As etnias que habitavam as margens do Rio Madeira sofreram várias investidas dos colonizadores, tanto na tentativa de catequizar como de seduzir e sempre desvalorizando sua cultura original. Atualmente, os Mura, por exemplo, miscigenados com europeus e brasileiros, se autodenominam muitas vezes “caboclo

legítimo da Rio Madeira”, demonstrando a recuperação da autoestima de suas origens históricas de luta e incorporação de outras culturas.

Gravura do livro *Amazon and Madeira Rivers*, Franz Keller, 1874.





Humaitá

Humaitá tem uma população de mais de 54 mil habitantes e uma extensa área territorial, maior que Alagoas, com 33.071.667 Km².

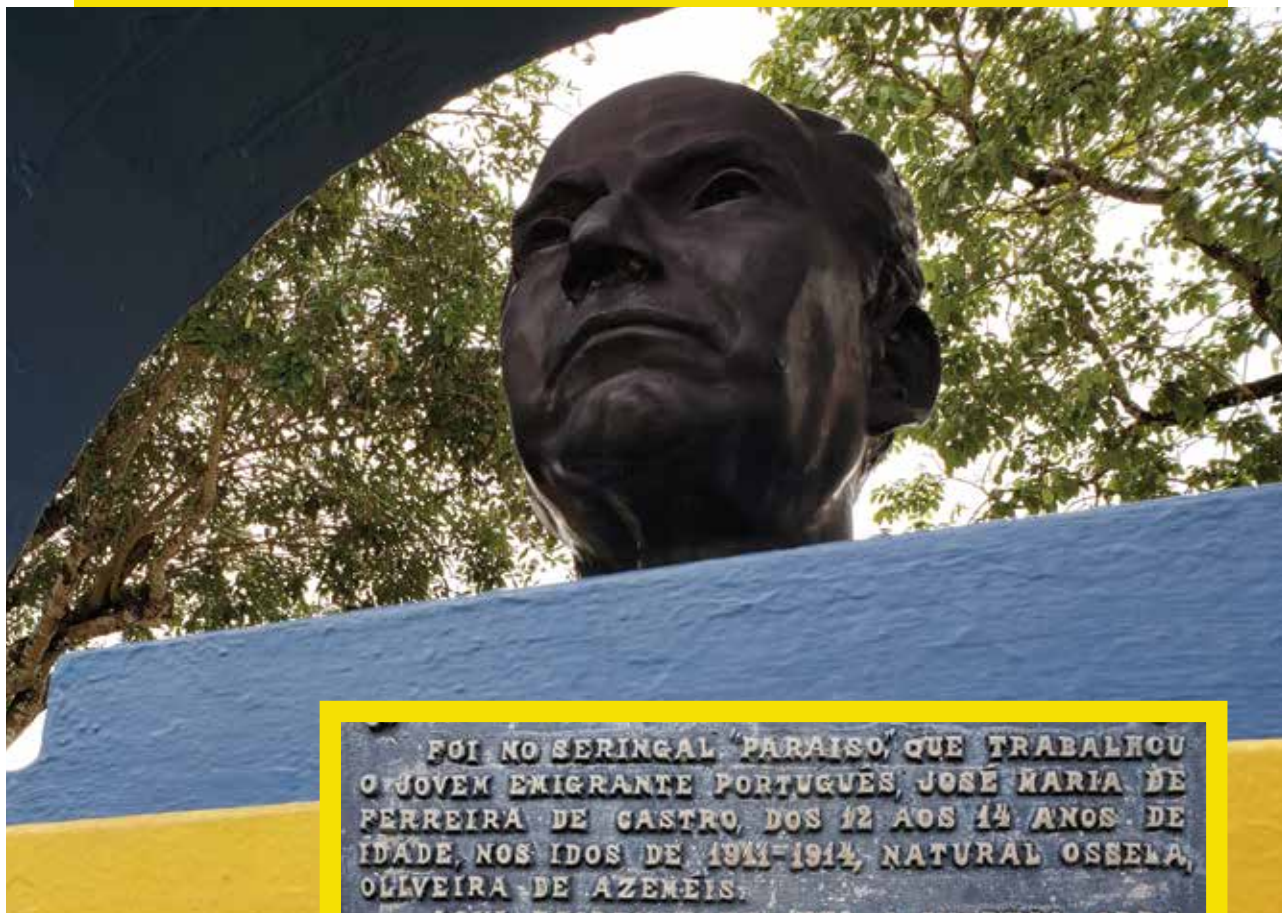
Em tupi-guarani Humaitá significa “pedra preta”. Os Parintintins, Pirarrãs e Muras formam o grupo de etnias que primeiro habitaram a região. Humaitá remonta suas origens ao ano de 1693, com a fundação da Missão de São Francisco. Em função dos constantes ataques dos indígenas, a sede da freguesia foi transferida em 1888 do Rio Preto para a margem esquerda do Madeira, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Belém de Humaitá. Em outubro de 1894, no auge do Ciclo da Borracha, Humaitá foi elevada à categoria de cidade.

Humaitá é importante polo regional e tem vocação agropecuária, sendo o 11º maior PIB do Amazonas.

Anualmente, Humaitá realiza a tradicional Manga Festa onde diversos grupos folclóricos de quadrilhas se apresentam a milhares de pessoas.

Humaitá conta com 132 unidades municipais, 16 na rede estadual e o polo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) - Campus Humaitá, com cursos Técnicos de Nível Médio em Agropecuária, Administração, Informática e na Modalidade EJA -PROEJA em Administração.





FOI NO SERINGAL "PARAISO" QUE TRABALHOU O JOVEM EMIGRANTE PORTUGUES, JOSE MARIA DE FERREIRA DE CASTRO, DOS 12 AOS 14 ANOS DE IDADE, NOS IDOS DE 1911-1914, NATURAL OSSELA, OLIVEIRA DE AZEMEIS.
AQUI ESCREVEU, EM 1930, A IMORTAL OBRA "A SELVA", LIVRO QUE CONSAGROU COMO MAIS HUMANISTA ESCRITOR PORTUGUES E LEVOU AOS 4 CONTINENTES AS BELEZAS E OS DRAMAS DA MAJESTADE DO MUNDO VERDE DA SELVA AMAZONICA.

Ferreira Castro (1898-1974) escreveu *A Selva* quinze anos depois de ter conseguido escapar do seringal em Humaitá. Ele veio de Portugal para a Amazônia em 1911, ainda adolescente, na esperança de ganhar dinheiro e ajudar a sustentar sua família. Seu livro revela as condições desumanas e de verdadeira escravidão em que viviam milhares de homens nos seringais, seduzidos por falsas promessas de riqueza fácil, fugidos da seca no Ceará ou da miséria em alguma aldeia portuguesa. Para a grande maioria foi uma viagem sem volta.





Porto Velho

Porto Velho possui uma população de 519.531 habitantes sendo a capital brasileira com maior área territorial, com mais de 34 mil km², mais extenso que a Bélgica e Israel, sendo também o mais populoso município fronteiro do Brasil.

Porto Velho foi fundada pela empresa norte americana *Madeira Mamoré Railway Company* em 4 de julho de 1907, durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM).

Sua rede pública de ensino possui 216 unidades municipais e 89 da rede estadual. Porto Velho conta com a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e o Instituto Federal de Rondônia (IFRO) além de instituições públicas de ensino técnico/superior e diversas unidades particulares.







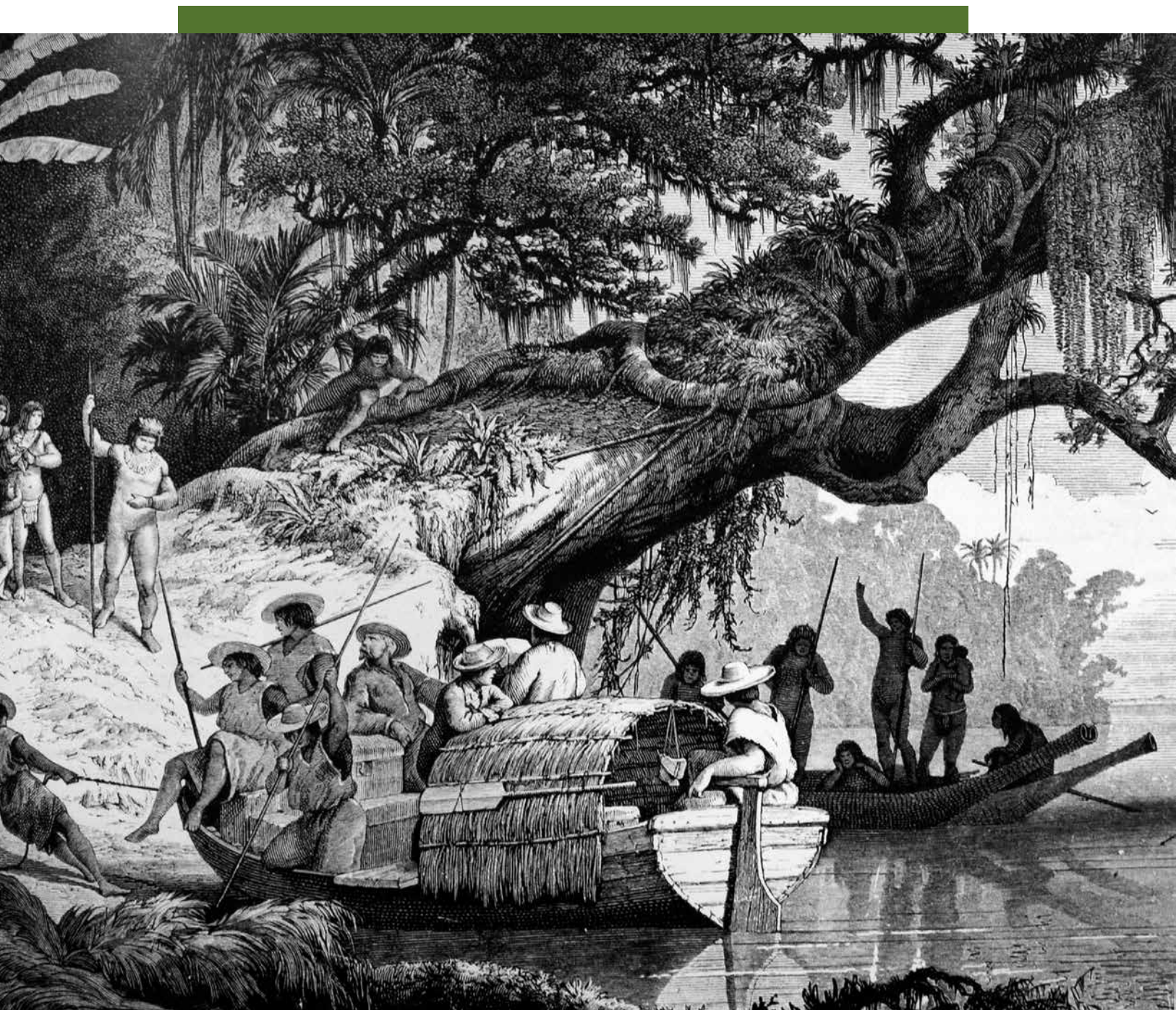




Mais de 20 mil trabalhadores de 50 nacionalidades foram atraídos para a obra da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que se revelou penosíssima, levando a morte, seja por doenças tropicais ou condições de trabalho, milhares de pessoas. Após a inauguração do primeiro trecho em 1910, os sanitaristas Oswaldo Cruz e Belisário Pena foram levados a Porto Velho para inspecionar o acampamento dos funcionários ao longo da ferrovia e analisar medidas que pudessem melhorar as condições sanitárias, porém, os estudos de ambos concluíram que a situação era



“tétrica, com 80% a 90% do pessoal acometido de impaludismo”, e que a única precaução possível naquela época, sem o saneamento da região, era tomar doses cavalares de quinino e o uso de máscara e mosquiteiro individual. O último trecho da ferrovia foi inaugurado em 1912, mas seu período de plena atividade foi muito curto. A Ferrovia foi devolvida ao Estado brasileiro em 1930, já bastante sucateada, e foi completamente desativada em 1972. Hoje é tombada pelo IPHAN. Fotos de Dana Merrill, Acervo do Museu Paulista da USP.



Encontro entre a expedição liderada pelo engenheiro alemão Franz Keller e os Karipuna, nas margens do Rio Madeira. A expedição tinha o objetivo inicial de analisar e mapear a região para a construção de uma rede ferroviária e prospectar as vantagens de uma imigração alemã para povoar o Brasil. Gravura do livro *Amazon and Madeira Rivers*, Franz Keller, 1874.



Karipuna avistado por Franz Keller em 1868. Habitante da região das cachoeiras do Rio Madeira, onde hoje estão as usinas de Jirau e Santo Antônio. Representação de inscrições nas rochas da Cachoeira da Lage e da Cachoeira do Inferno.
Desenho a aquarela de Franz Keller, 1874.

EQUIPE DA EXPEDIÇÃO AMAZÔNIA DAS PALAVRAS



EQUIPE DA PRODUÇÃO

Produção Executiva

Fernanda Kopanakis

Direção Geral

José Jurandir da Costa

Oficinas

Elizabete Bullara

Poesia: Narrativa e Escuta

José Roberto Torero

Produção de Contos

José Bessa

Contação de Histórias Indígenas e

Aula Espetáculo “Cinco ideias equivocadas sobre os índios”

Leo Ribeiro

Palavra Animada

Bira Lourenço

Sons do Cotidiano

Daniel Munduruku

Aula Espetáculo “Catando piolhos, contando histórias: minhas memórias da Amazônia”

Diego Gamarra

Cloro: O Palhaço que engole letras

Coordenadora Pedagógica

Antônia Pereira da Costa

Apoio Coordenação Oficinas

Vânia Bicho

Apoio Técnico

Eder Pinheiro

Thailson Oliveira

Rodrigo Queiroz

Alimentação

Henrique Saldanha

Francisca Pereira de Souza

Geanne Torres

Eletricista

Francisco Monge

Projeção e Sonorização

Deyvinson Amorim de Oliveira – Sussa

Tripulação

Fernando Soares Sabino

Cosmo Barão

Michael Sullivan

Capitão Clóvis

Keble Pereira

Loyry Souza

Sergio Alexandre de Lira

Tráfego de Imagens

Rogério Alves Belém

Imagens Aéreas

Isaac Silva Souto

Direção de Fotografia documentário

Xeno Veloso

Cinegrafistas

Fábio Costa

Wander Luís

Bruno Pereira

Rai de Jesus

Fotografia

Avener Prado

Direção Musical

Arthur Maia

Assessoria de Comunicação

Felippe Jorge Kopanakis

Mestre de cerimônia

Eduardo Jorge Kopanakis



Em cada uma das oito cidades e na Aldeia Boca do Jauri, da etnia Mura, os estudantes plantaram uma muda de Pau-Brasil (*Paubrasilia echinata*). A árvore que deu nome ao nosso país, em tupi guarani se chama Ibirapitanga que significa “madeira vermelha”.

Cidades e Escolas que sediaram o Amazônia das Palavras



MANAUS

CETI Gilberto Mestrinho

ITACOATIARA

Escola Estadual
Maria Ivone de
Araújo Leite

NOVA OLINDA DO NORTE

Escola Estadual
Nossa Senhora de Nazaré

BORBA

Escola Estadual Lothar Sussmann

NOVO ARIPUANÃ

Escola Estadual Julieta Lopes de Albuquerque

MANICORÉ

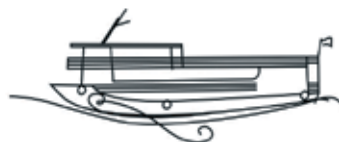
Escola Estadual Hermenegildo de Campos
Escola Indígena Aldeia Boca do Jauari
(entrega de certificados e plantio de uma muda de Pau-Brasil)

HUMAITÁ

Escola Estadual Governador Plínio Ramos Coelho

PORTO VELHO

Escola Estadual Presidente
Tancredo de Almeida Neves



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. Editora Pongetti, 1940.
- ANDRADE, Mario de. O Turista Aprendiz. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília: Iphan, 2015.
- ANDRADE, Mario de & SABINO, Fernando. Cartas a um jovem escritor e suas respostas. Record, 2003.
- BEÇA, Aníbal. Palavra Parelha. Manaus: Editora Galo Branco, 2008.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. Soletrando nas águas do Rio Madeira. Site Taquiprati.
- CASTRO, Ferreira de. A selva. São Paulo, Editora Verbo, 1972.
- CHAVES, Frank. História de Itacoatiara. Blog do Frank, s/d.
- CUNHA, Quintino. Pelo Solimões, 2ª. Edição, Manaus: Editora Valer, 1999.
- KAIABI, Aturi. Livro das Águas: índios do Xingu. Organizado por Maria Cristina Troncarelli, Edição Instituto Socioambiental (ISA), São Paulo/SP, 2002.
- HATOUM, Milton. História de dois encontros. In. Um solitário à espreita: crônicas. Companhia de Bolso, São Paulo, Editora Schwarcz, 2013.
- MAIA, Arthur. Música composta para o projeto Amazônia das Palavras.
- MARTINS, Max. Não para consolar: poemas reunidos, 1952/1992. Belém: CEJUP, 1992.
- MELLO, Thiago de. Mormaço na Floresta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MELLO, Thiago de. Amazônia, pátria das águas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MELLO, Thiago de. Campo de Milagres. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MELLO, Thiago de. Faz escuro mas eu canto. Bertrand Brasil, 17ª edição, 1999.
- MELLO, Thiago de. Poesia comprometida com a minha e a tua vida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- MELLO, Thiago de. Silêncio e Palavra. Editora Valer, 2001.
- MONTEIRO, Benedicto. Bandeira Branca, Rio de Janeiro: Zélio Valverde Editor, 1945.
- MUNDURUKU, Daniel. As serpentes que roubaram a noite e outros mitos. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- MUNDURUKU, Daniel. Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2001.
- NETO, Blás Torre. A linguagem do caretas: um olhar entrecruzado. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Orientador: Prof. Dr. Maurício Matos, Manaus, 2014.

CITAÇÕES NO LIVRO AMAZÔNIA DAS PALAVRAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Mãos dadas, pg. 07. Disponível em <https://bit.ly/3eW2A4T>
- ANDRADE, Mario de. Trechos, pg. 35, pg. 50 e pg. 204. Disponível em <https://cutt.ly/MyLNPny>
- ANDRADE, Mario de & SABINO, Fernando. Contra capa, trechos. Não disponível.
- BEÇA, Aníbal. Limbo, pg. 82. Disponível em <https://bit.ly/3eVPDbj>
- BESSA FREIRE, José Ribamar. Disponível em <https://tinyurl.com/y8kvjjs3>
- CASTRO, Ferreira de. A Selva, pg. 185. Disponível em <https://tinyurl.com/yb6evuqa>
- CHAVES, Frank. Legenda da foto, pg. 165. Disponível em <https://cutt.ly/dyL8cH9>
- CUNHA, Quintino. Encontro das águas, pg. 20. Disponível em <https://cutt.ly/ayL46Hk>
- KAIABI, Aturi. Coração de água, pg. 29. Disponível em <https://cutt.ly/YyL7F8Y>
- HATOUM, Milton. História de dois encontros, pg. 125. Disponível em <https://bit.ly/2MDZoz0>
- MAIA, Arthur. Amazônia das Palavras, a canção. Pg. 109. Disponível em <https://youtu.be/-fkQ5iZWaKQ>

MARTINS, Max. O fazedor de chuva, pg. 43. Disponível em <https://cutt.ly/5yL5QEY>

MELLO, Thiago de.

A vida verdadeira, pg. 12. Disponível em <https://bit.ly/2Y80sjT>

Como um rio, pg. 111. Disponível em <https://cutt.ly/LyL5DAo>

A Magia, pg. 137. Disponível em <https://bit.ly/3gYViiI>

Amazônia, pátria das águas, pg. 16. Disponível em <https://cutt.ly/ZyL6pvM>

O ofício de escrever, pg. 91. Disponível em <https://tinyurl.com/y9xmzakh>

Faz escuro mas eu canto, pg. 72. Disponível em <https://>

tinyurl.com/yac47hex

É preciso fazer alguma coisa, pg. 148. Disponível em <https://tinyurl.com/y9usbpru>

MONTEIRO, Benedicto. Vem da Amazônia está grande e imensa poesia, pg. 46. Disponível em <https://bit.ly/3eW84N9>

MUNDURUKU, Daniel.

Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória, pg. 76. Disponível em <https://bit.ly/2Y9k1YX>

As serpentes que roubaram a noite e outros mitos, pg. 118 a 123. Disponível em <https://bit.ly/2AK7Dqn>

NETO, Blás Torre. A linguagem do caretas: um olhar entrecruzado. Disponível em <https://tinyurl.com/y9an8snr>

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783-1792. Arquivo Nacional. Biblioteca Maria Beatriz Nascimento. Disponível em <https://cutt.ly/JyL043L>

BIARD, Auguste François. Acervo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://cutt.ly/eyLBDXA>

BIARD, Auguste François, 1798-1882. João, o velho chefe dos Mundurucus (1862). Acervo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://bit.ly/3eTA2Je>

CATLIN, George. Four Mura Indians - 1854/1869. National Gallery of Art, United States, Paul Mellon Collection. Disponível em <https://cutt.ly/TyLB1tD>

COBRA MAKURAP. Nas Tramas da(s) História(s) Indígena(s): Registro Cultural dos Povos Indígenas Makurap, Wajuru, Djeoromitxi, Kanoé, Paiter-Surui, Karoarara - Rondônia - Universidade Federal de Rondônia (Unir), Universidade Federal De Pernambuco (UFPE) Ministério da Cultura do Brasil (MinC), 2016. Disponível em <https://tinyurl.com/y9p4uy5m>

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA RONDON- ROOSEVELT - 1913-1914. Acervo da Library of Congress, Washington D.C. Disponível em <https://cutt.ly/NyBkWI2>

LAU, Percy. Tipos e aspectos do Brasil (excertos da Revista Brasileira de Geografia). Ilustrações de Percy Lau, 6ª ed. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1956. Disponível em <https://tinyurl.com/yd-2mjt92>

KELLER, Franz. The Amazon and madeira rivers: sketches and descriptions from the note-book of an explorer. London: Chapman and Hall, 193, Piccadilly, 1874. Disponível em <https://cutt.ly/nyL2C84>

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. Flora brasiliensis, Volu. III, Stuttgartiae et Tubingae: Sumptibus, J. G. Cotta, 1829. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/>

MERRILL, Dana. Fotos da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). Danna Merrill 1909 - 1914. Disponível em <http://www.mp.usp.br/acervo>

ORTON, James. The Andes and the Amazon: or, across the continent of South America. New York: Harper & Brothers, Publishers, Franklin Square, 3ª Edição, 1875. Disponível em <https://bit.ly/302QPpm>

PRADO, Rudney & ESPOSITO, Letícia. Memorial Esperança Thiago de Mello, pg. 144. Criação do conceito visual e concepção artística, doado pelo projeto Amazônia das Palavras à família do poeta, Manaus, 2018. Disponível em <https://bit.ly/2XGANJS>

SUMÁRIO FOTOGRÁFICO

Ensaio Fotográfico: Avenir Prado

Fotografias adicionais

Alberto Bittar - Ali Karakas - André Cran - Beethoven Delano - Dana Merrill - Felipe Jorge Kopanakis - Francisco Filho (Chicão Fill) - Amazon Film - Hubert Hayaud - Isaac Silva Souto - José Jurandir da Costa - Juliana Rosa - Rafael Vieira - Talita Oliveira - Wander Luís - Zeca Ribeiro

Avenir Prado: 10 e 11, 12 e 13

Beethoven Delano: 08

Rafael Vieira: 05

1 - IMPÉRIO DAS ÁGUAS

Avenir Prado: 22 e 23, 25, 27, 30, 31, 32 e 33, 34, 36 e 37, 38, 41, 42 (3), 44 e 45, 55, 56 e 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71

Alberto Bitar: 17, 19, 54

Beethoven Delano: 18

André Cran: 49

Francisco Filho (Chicão Fill) - Amazon Film: 21

Hubert Hayaud: 47

Isaac Silva Souto: 14 e 15

José Jurandir da Costa: 24, 26, 39, 40, 51, 67

Rafael Vieira: 48

Zeca Ribeiro: 28 e 29, 52, 53

2 - ENTENDER, ENSINAR, APRENDER

Avenir Prado: 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86 e 87 (2), 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 108, 110, 113, 114 e 115 (2)

José Jurandir da Costa: 103, 104, 107

Nasa: 112

Wander Luís: 105

3 - HISTÓRIAS PARA LER E CONTAR

Avenir Prado: 122, 130, 132 e 133, 135

Alberto Bitar: 125, 129

Beethoven Delano: 121, 124, 128, 134

José Jurandir da Costa: 126

4 - THIAGO DE MELLO - POETA HOMENAGEADO DO AMAZÔNIA DAS PALAVRAS

Avenir Prado: 146

José Jurandir da Costa: 149

Juliana Rosa: 143, 147

Zeca Ribeiro: 142, 143, 145

Acervo da família Thiago de Mello: 138 (2), 139 (4), 140, 141 (4), 142 (3), 147

6 - AS OITO CIDADES

Avenir Prado: 152 e 153, 162 e 163, 164, 170 e 171, 174 e 175, 176, 196 (2)

André Cran: 188, 189, 190

Beethoven Delano: 156 e 157, 158, 159, 178 e 179, 180 (4), 186 e 187, 191

Felipe Jorge Kopanakis: 166 e 167, 168, 172 (2), 198

José Jurandir da Costa: 154 e 155, 171, 173, 184, 185 (2), 186

Isaac Silva Souto: 176

Talita Oliveira: 182 e 183

AMAZÔNIA DAS PALAVRAS



“E, já falei, creio, você precisa ler muito Machado de Assis, mas ler como reler, roubando ele, plagiando ele, não no estilo nem no espírito mas na delicadeza de sentimento.

Machado de Assis não deve ser para você um companheiro de vida, mas apenas um tesouro onde você vai roubar. Roube dele tudo quanto possa ser útil a você, jogando o resto fora. Mas sempre não esquecendo que você pode roubar errado. O problema é delicadíssimo.”

“Ora, Fernando, pra aguentar com um destino desses, antes de mais nada, é preciso ter uma ambição enorme, uma paciência enraivecida, um desejo de se “vingar” da vida, e uma ensolarada saúde mental. Você tem isso? Não seja tímido nem humilde não, que então é fracasso na certa. Não tenha vergonha de se confessar a si mesmo (não a mim) que você tem ótimas qualidades, é muito inteligente, é orgulhoso de si, tem desprezo pela frouxidão alheia e quer chegar e há-de chegar.”

Trechos de cartas de Mario de Andrade a Fernando Sabino, no livro *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*.



Amazônia das Palavras

Nubia Melhem Santos
José Jurandir da Costa